

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIENCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM**

GEOGRAFIA VALDELICE PEREIRA DA SILVA

**PERCEPÇÕES GEOGRÁFICAS DE CRIANÇAS SOBRE A FRONTEIRA
ENTRE PONTA PORÃ E PEDRO JUAN CABALLERO**

**DOURADOS - MS
2024
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS**

**FACULDADE DE CIENCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM GEOGRAFIA**

VALDELICE PEREIRA DA SILVA

**PERCEPÇÕES GEOGRÁFICAS DE CRIANÇAS SOBRE A FRONTEIRA
ENTRE PONTA PORÃ E PEDRO JUAN CABALLERO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Geografia, nível de Mestrado, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Flaviana Gasparotti Nunes

Linha de Pesquisa: Espaço e reprodução social: Práticas e representações.

Área de concentração Produção do Espaço Regional e Fronteira.

Turma 2022.

DOURADOS – MS
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S586p Silva, Valdelice Pereira Da
PERCEPÇÕES GEOGRÁFICAS DE CRIANÇAS SOBRE A FRONTEIRA ENTRE PONTA

Orientadora: FLAVIANA GASPAROTTI NUNES.
Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade Federal da Grande Dourados,
2024. Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Fronteira. 2. Dinâmicas Socioespaciais. 3. Pedro Juan Caballero, Ponta Porã. 4.
Percepções Geográficas. 5. Desenhos. I. Nunes, Flaviana Gasparotti. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

**PERCEPÇÕES GEOGRÁFICAS DE CRIANÇAS SOBRE A FRONTEIRA
ENTRE PONTA PORÃ E PEDRO JUAN CABALLERO**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

BANCA EXAMINADORA

Presidente/Orientador Profa. Dra. Flaviana Gasparotti Nunes (FCH -
UFGD)

1º Examinador Prof.^a Dra. Claudia Marques Roma (FCH - UFGD)

2º Examinador Prof.^a Dr. João Batista Alves de Souza

Dourados, 2024
Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus “Senhor dos mundos” e aos Orixás por nunca me abandonarem, por terem me proporcionado forças para enfrentar todas as barreiras e adversidades e sabedoria para solucionar os problemas no decorrer desta caminhada, e por me levantar nos dias em que tive que sobreviver ao caos.

A minha família, em especial, meus pais, Luiz Francisco e Maria Eva, pela compressão e ajuda incondicional, ao meu irmão Leonardo Silva.

A minha sobrina Valéria Cavana, a quem tenho grande apreço pela trajetória de vida a qual foi transformada pelo poder da educação.

Ao professor Adeir Arcanjo por ter acreditado no meu potencial.

A professora Claudia Marques Roma que me ensinou o dom da determinação com sua história de vida.

A minha orientadora Flaviana Gasparotti Nunes pelas contribuições, ensinamentos e disposição para tornar este trabalho possível.

A minha amiga Silvana Mara dos Reis, pelo incentivo, apoio e reconhecimento das dificuldades enfrentadas nos momentos em que estava cursando as disciplinas do mestrado.

A minha amiga Karina da Costa, pela sabedoria das palavras proferidas nos momentos de dificuldades.

A minha amiga Luci Meire Corrêa Anastácio, pelas palavras de apoio e incentivo nos dias cinzentos, pelas indicações de leitura e compartilhamento das mesmas, suas palavras foram essências nessa trajetória.

Ao meu amigo João Carlos Ibanhez com o qual aprendi sobre a beleza da poesia nos estudos geográficos.

A professora Maria José pela delicadeza, gentileza e acolhimento.

A Universidade Federal da Grande Dourados/FCH, por toda infraestrutura disponível aos estudantes. Gratidão pela oportunidade de historicizar as particularidades do vivido no território fronteiro diante da vastidão da alma humana daqueles sofrem com as mazelas do transitar entre as fronteiras, representar uma coletividade, dar o que existe de mais singelo ao “Outro”, o empréstimo dos sentidos, através dessa pesquisa empresto minha existência, minha vivência e minha voz para dissertar sobre as subjetividades e as percepções dessa fronteira, partilho com o leitor uma pequena parte da minha história de vida nas linhas que se seguem.

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu pai Luís Francisco e minha mãe Maria Eva, pelos bons exemplos e ensinamentos de vida, a todos os fronteiros de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero que são parte essencial das múltiplas vivências, e movimentos da fronteira a qual pertencem. Sem vocês, este trabalho não teria sentido. Aos meus alunos e colegas de profissão que diariamente acreditam no poder transformador que a educação têm.

“Yo no sé de dónde soy
Mi casa está en la frontera
Yo no sé de dónde soy
Mi casa está en la frontera
Y las fronteras se mueven Como las
banderas
Y las fronteras se mueven
Como las banderas” (Jorge Drexler, 1999).

“Todas as pessoas grandes foram um dia crianças. Mas poucas se lembram disso”.
(Antoine Saint Exupéry, 1943)

RESUMO

Este trabalho busca compreender as percepções geográficas sobre a fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero a partir do olhar de crianças que vivenciam essa realidade socioespacial. A pesquisa, de caráter qualitativo, desenvolveu-se por meio de revisão bibliográfica em diálogo com a trajetória e vivências da própria autora, destacando o trânsito de sujeitos entre as duas cidades que ocasiona em relações de pertencimentos com os dois lados da fronteira. Além disso, como parte dos procedimentos

metodológicos, foi realizada uma atividade lúdica em que estudantes do 1º Ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Lydio Lima elaboraram desenhos sobre seus trajetos de deslocamento de casa para a escola. Os relatos captados através dos desenhos ajudam a compreender as relações de pertencimento, vivência espacial, identidades fronteiriças e o viver na fronteira, ora estando de um lado, ora do outro, buscando, dessa forma, demonstrar o trânsito, as identidades, as aproximações e distanciamentos existentes neste espaço. Do ponto de vista pedagógico e geográfico, os desenhos dos estudantes oferecem uma visão do cotidiano na fronteira, destacando não apenas as características físicas do espaço, mas também as dinâmicas sociais e culturais que moldam as identidades e relações nesse contexto. Ao reconhecer e valorizar essa diversidade, podemos promover uma compreensão mais profunda e inclusiva das dinâmicas socioespaciais na fronteira.

Palavras-Chave: Fronteira. Dinâmicas Socioespaciais. Pedro Juan Caballero. Ponta Porã. Percepções Geográficas. Desenhos.

ABSTRACT

This work seeks to understand the geographical perceptions of the border of Ponta Porã and Pedro Juan Caballero by obtaining qualitative data, listening and looking at children in the face of socio-spatial reality. The main objective was to propose a playful activity that could direct research to analyze the production of drawings developed by students at Escola Lydio Lima, based on the idea of identity as a cultural, geographic and socio-spatial construction. of the researcher's life, which is important to understand how the subjects who move between the two cities have relationships of belonging with both sides of the border. The reports captured through the drawings help to understand the relationships of belonging, spatial experience, border identities and living on the border, sometimes on one side and sometimes on the other, seeking to demonstrate the transit, identities, approaches and distances that exist in this space. From a pedagogical and geographical point of view, the students' drawings offer a holistic view of daily life on the border, highlighting not only the physical characteristics of the space, but also the social and cultural dynamics that shape identities and relationships in this context. By recognizing and valuing this diversity, we can promote a deeper and more inclusive understanding of the socio-spatial dynamics on the border. Counting the border based on the art mastery of children residing in this border is the core of this research.

Keywords: Border. Socio-spatial. Pedro Juan Caballero. Ponta Porã. Geographic Perceptions. Listening

LISTA DE FIGURAS

Figura	1:	Cruze	de	Yby	
Yaú.....					02
Igreja Nossa Senhora Aparecida.....					03
Nossa Senhora Aparecida- Colônia Nueva Esperanza-PY.....					04
da pesquisadora trabalhando na lavoura de café em 1970 acervo familiar.					05
Escuela nº 2450 Pedro Juan Caballero Colônia Nueva Esperanza-PY.....					06
Escola Estadual Coronel Ramiro Noronha.....					07

7: Divisa BR-PY - Linha de Fronteira	19
Figura 8: Escola Municipal Lydio Lima	33
Figura 9: desenho elaborado pelo estudante 1.....	47
Figura 10: desenho elaborado pelo estudante 2.....	49
Figura 11: desenho elaborado pelo estudante 3.....	51
Figura 12: desenho elaborado pelo estudante 4.....	52
Figura 13: desenho elaborado pelo estudante 5.....	54
Figura 14: desenho elaborado pela estudante 6.....	55
Figura 15: desenho elaborado pelo estudante 7.....	56
Figura 16: desenho elaborado pelo estudante 8.....	58
Figura 17: desenho elaborado pelo estudante 9.....	59
Figura 18: desenho elaborado pelo estudante 10.....	60
Figura 19: desenho elaborado pelo estudante 11.....	61
Figura 20: desenho elaborado pelo estudante 12.....	62
Figura 21: desenho elaborado pelo estudante 13.....	63
Figura 22: desenho elaborado pelo estudante 14.....	64

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Escola Estadual Coronel Ramiro Noronha.....	07
Mapa 2 – Escola Municipal Lydio Lima.....	10
Mapa 3 – Fronteira de Ponta Porã-BR e Pedro Juan Caballero-PY.....	18

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

DGEEC – Dirección General de Estadísticas, Encuestas y Censos. LDBEN – Lei de Diretrizes da Bases da Educação Nacional (LDBE).

PME – Plano Municipal de Educação.

PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola. APM – Associação de Pais e Mestres.

CNPJ – Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica. PPP – Projeto Político Pedagógico.

PEIF – Programa de Escolas Interculturais de Fronteira.

MIGRAFON-UFMS – Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
PARTE I - CONTEXTUALIZANDO A FRONTEIRA EM ANÁLISE	13
Formação histórica da fronteira Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.....	13
Mobilidade, contatos, hibridismos e conflitos no cotidiano da fronteira.....	17
Educação na fronteira.....	22
O olhar de uma professora fronteiriça.....	30
Escola Municipal Lydio Lima.....	33
PARTE II - A FRONTEIRA NO OLHAR DAS CRIANÇAS	37
Identidade na/da escola.....	37
Línguas faladas no 1º ano B da escola Municipal Lydio Lima.....	41
Imagens da fronteira.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICE	79

1

INTRODUÇÃO

A fronteira, sob o ponto de vista geográfico, não apenas demarca limites territoriais, mas também tece intrincadas conexões culturais e sociais entre as comunidades que a habitam. Nesse contexto, a presente dissertação busca adentrar no universo das percepções que estudantes do 1º Ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Lydio Lima, situada em Ponta Porã (MS), nas proximidades da linha divisória com a cidade Pedro Juan Caballero no Paraguai, possuem acerca da fronteira.

Por meio de uma abordagem qualitativa, a pesquisa envolveu diversos procedimentos como revisão bibliográfica, levantamento de dados quantitativos e documentos, mas teve como foco central a elaboração de desenhos pelos estudantes que

serviram como “janelas” para compreender suas visões sobre a fronteira e seus significados.

Deve-se destacar, no entanto, que esta pesquisa não emerge de um vácuo acadêmico, mas sim de uma profunda conexão pessoal da pesquisadora com a fronteira. Sua trajetória de vida pessoal e profissional entrelaça com as experiências e vivências dos estudantes fronteiriços, refletindo os mesmos desafios e oportunidades que permeiam as escolas localizadas nessa zona de fronteira¹, transitando ora de um lado da fronteira ora do outro lado, reforçando aquilo que Santos (1994, p. 51) diz:

A zona fronteiriça é uma zona híbrida, babélica, onde os contatos se pulverizam e se ordenam segundo micro-hierarquias pouco suscetíveis de globalização. Em tal zona, são imensas as possibilidades de identificação e de criação cultural, todas igualmente superficiais e igualmente subvertíveis [...].

Assim, antes de mergulhar na questão central deste trabalho, considero essencial contextualizar a minha caminhada, que, como tantos outros fronteiriços, transitou entre diferentes realidades e culturas ao longo da jornada educacional e de vida. A família da pesquisadora vive hoje na fronteira entre o Brasil e o Paraguai, em Ponta Porã, mas não esteve enraizada a vida toda neste lugar. Por volta do ano de 1960, a família fixou

¹ Dentre as categorizações científicas da teoria geográfica preferimos usar o termo “zona”, porque a fronteira não pode se comparar a limite, e conforme Ferrari (2014), podemos ter claras distinções entre os termos e suas apropriações. “Por demarcação linear entende-se a fixação da linha limite com a implantação de marcos sobre o terreno, permitindo identificar o fim ou começo de um domínio político territorial, passando o limite a compreender a linha de controle legal de um Estado-nação, ao passo que a fronteira é tida como zona geográfica entre dois sistemas estatais diferenciados” (FERRARI, 2014, p. 22).

residência em solo paraguaio, após migrarem² do estado de Minas Gerais para trabalhar na produção de café em um vilarejo chamado Colônia Nueva Esperanza no distrito de Yby Yaú (Figura 1), Departamento de Concepción e que mais tarde ficou conhecida como Colônia dos brasileiros no Paraguai.

Figura 1: Cruze de Yby Yaú



Fonte: Acervo familiar 1990

Esta Colônia agrícola ainda existe e está situada a 120 quilômetros de distância da fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, na Rota Nacional nº 5 Bernardino Caballero, popularmente conhecida como “Ruta Quinta”. Esse deslocamento da família é parte de dois processos migratórios.

Os imigrantes brasileiros no Paraguai fazem parte de dois amplos processos migratórios no interior do Brasil: um movimento vindo do Rio Grande Sul em direção a Santa Catarina, Oeste do Paraná e Mato Grosso do Sul; um outro fluxo vindo do Nordeste e Minas Gerais em direção ao Estado de São Paulo, Norte e Oeste do Paraná. Essas migrações eram fundamentalmente compostas por famílias de camponeses (Albuquerque, 2009, p. 138).

² A migração da minha família se deu na busca por novas oportunidades de trabalhar na terra. A pesquisadora Gonçalves (2012), apontou em sua pesquisa a motivação que os brasileiros tiveram para se deslocarem para o Paraguai: “(...) os pequenos produtores brasileiros estavam em busca de novas oportunidades, os mesmos visualizaram nas empresas colonizadoras a esperança de continuar trabalhando com a terra. Logo surge a opção de migrar para o Paraguai, pois as promessas de terras férteis e baratas atreladas às mudanças ocorridas na agricultura brasileira, sobretudo com a implementação de uma política agrícola de modernização, resultou na migração desses para o país vizinho” (Gonçalves, 2012, p. 16).

3

Depois do processo de migração e já assentados e familiarizados com a Colônia, pode-se perceber que na época vivida, a presença dos brasileiros era bastante marcante e havia um trânsito intenso de pessoas. “O que sabemos é que se trata da maior quantidade de imigrantes brasileiros vivendo numa nação vizinha e, devido à

proximidade do Brasil, mantendo um trânsito muito forte entre as duas nações” (Albuquerque, 2010, p. 581). Os imigrantes carregaram os costumes e dogmas católicos mais comumente vivenciados em território brasileiro como visto nas Figuras 2 e 3. A chegada dos brasileiros proporcionou a construção da igreja católica Nossa Senhora Aparecida.

Figura 2: Obras da Igreja Nossa Senhora Aparecida.

Fonte: Acervo familiar. 1995



Fonte: Acervo familiar 1990

4

Figura 3: Igreja Nossa Senhora Aparecida- Colônia Nueva Esperanza-PY
Fonte: Silva, V. P., 2022



Fonte: Silva, V. P., 2023.

O fato é que o espaço construído pelos fiéis na *Colônia Nueva Esperanza* foi destinado à devoção da santa padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida e não à devoção da Virgem de Caacupé, padroeira do Paraguai³. A pesquisadora, quando criança, assim como seus irmãos, foi batizada nessa igreja.

Os pais da pesquisadora trabalhavam no cultivo do café e no plantio de banana, a pesquisadora enquanto criança estudou na escola do vilarejo entre 1993 a 1995, onde o ensino era ministrado na língua guarani⁴ e em espanhol.

³ Para informações da origem da Virgem de Caacupé ver o trabalho de Valdir Aragão do Nascimento “Aos pés da virgem azul: notas sobre simbolismo, sincretismo religioso e tradição no Paraguai” (2020). ⁴ A língua guarani é uma língua indígena e levou muito tempo para ser reconhecida como lingual oficial do Paraguai. “O guarani foi reconhecido como língua nacional em 1967, mas somente com a Constituição de 1992 e a Reforma Educacional de 1994 passou a ser uma língua oficial e obrigatória em todas as escolas e

Figura 4: Avô da pesquisadora trabalhando na lavoura de café em

1970. Fonte: Acervo familiar



Fonte: Acervo familiar

Em 1995, a grande maioria dos estudantes em fase de alfabetização, assim como a pesquisadora, eram filhos dos colonos brasileiros. Naquele período, a educação era muito tradicional; os professores, ou “maestros” como eram chamados, faziam uso

da palmatória e também praticavam vários atos de punição como colocar as crianças de joelho no caroço de milho, trancar em um quartinho escuro, como forma de castigo quando não aprendiam a lição, pois não sabiam falar o espanhol ou o guarani e, conseqüentemente, não conseguiam aprender o que estava sendo ensinado na escola.

(...) o Paraguai é caracterizado em instrumentos legais como um país oficialmente bilíngue – entendendo bilíngue como dual – pois na Política Linguística explícita do país são duas as línguas oficiais (castelhano e guarani), apesar de mais de duas línguas (politicamente definidas ou não) coexistirem em território paraguaio (Berger, 2015, p. 72)

graus de ensino. Desde então, o Paraguai se tornou oficialmente um país bilíngue (...)” (Albuquerque, 2010, p. 586).

6

A pesquisadora teve muita dificuldade para ser alfabetizada, pois não sabia falar o espanhol e muito menos o guarani, o que dificultava a interação com os professores e com alguns colegas de sala, pois os mesmos só falavam guarani e, de certa forma, os filhos de brasileiros que ali estudavam tinham dificuldades para compreensão dos conteúdos que estavam sendo ensinados.

A pesquisadora estudou na escola que pode ser visualizada na Figura 5, “Escuela Basica nº 2450 Pedro Juan Caballero” durante três anos, concluindo o “terceiro grado” nesta escola, que no Brasil corresponderia a terceira série e, com o passar do tempo, os pais foram vendo as dificuldades enfrentadas. Em janeiro de 1999, a família decide mais uma vez migrar, voltando para o Brasil, só que agora na fronteira, na cidade de Ponta Porã onde estabeleceram morada. Matriculam a pesquisadora na Escola Municipal Ramiro Noronha que fica a cem metros da linha de fronteira como mostrado no mapa 1.

Figura 5: Escuela Basica nº 2450 Pedro Juan Caballero Colônia Nueva Esperanza-PY.



Fonte: Silva, V. P., 2023.

7

Mapa 1: Escola Ramiro Noronha

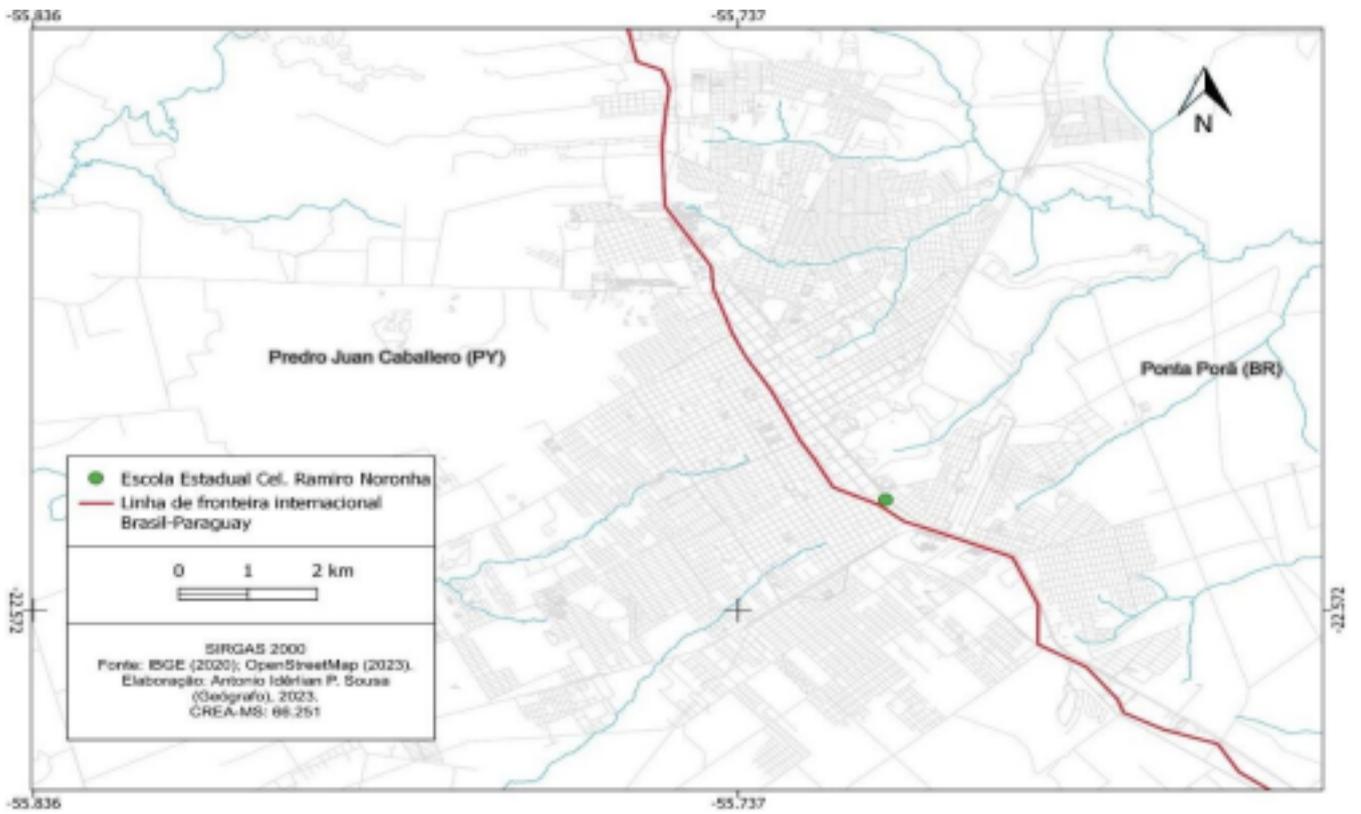


Figura 6: Escola Estadual Coronel Ramiro Noronha.



Fonte: Silva, V. P., 2023.

Nesta escola, iniciei novamente os estudos no primeiro ano, pois não houve

possibilidade de aproveitamento do aprendizado adquirido no Paraguai, devido à inexistência, naquele momento, de legislação educacional no Brasil para esse tipo de situação.

Anos depois percebi que na Escola Municipal Ramiro Noronha, o processo era contrário à minha vivência no Paraguai: a maioria dos estudantes dessa escola eram filhos de paraguaios com residência em Pedro Juan Caballero e a língua materna falada por eles era o guarani e o espanhol, e também o português que, com o tempo, iam aprendendo.

Os estudantes tinham dificuldades para se comunicar e compreender o que o professor estava ensinando, e no caso da pesquisadora, a mesma teve sua alfabetização iniciada novamente na língua portuguesa. Foi um processo muito doloroso, pois o processo de alfabetização e letramento demanda muito da consciência fonológica e os sons que havia aprendido na escola paraguaia para o processo social da escrita eram totalmente diferentes. Nessa época, a pesquisadora já tinha 12 anos de idade, ainda estava no primeiro ano e não sabia ler corretamente, pois como mencionado anteriormente, a alfabetização havia sido iniciada na língua espanhola, havia em sua mente um embaralhamento das línguas, o que, de certa forma, dificultava o processo de alfabetização.

Em Ponta Porã as burocracias estatais não levaram em conta a minha história de vida, e a mim foram negados os principais aspectos do desenvolvimento global. Como consequência de todas essas barreiras impostas, a minha base educacional foi um tanto fragilizada e essas dificuldades se fazem presentes na atualidade do contexto escolar da fronteira onde fica-nos uma interrogação: de fato a escola é uma escola NA fronteira ou se é uma escola DA fronteira? Durante o período em que era estudante na educação básica, sempre me deparei com situações de descaso para com os estudantes de famílias paraguaias.

A minha bagagem de vida na fronteira vai ao encontro das histórias de vida de muitos sujeitos fronteiriços, sendo a fronteira o lugar do encontro, dos desencontros, das contradições, dos distanciamentos, partindo das demarcações imaginárias, de modos de vidas de muitos outros que aqui passaram, que estavam em busca de progressos e sonhos, mas que não foi possível construir de fato uma integração que realmente pudesse fazer parte significativa da vida dos brasileiros, paraguaios e brasiguaios⁵ na fronteira (Souza,

⁵ O termo “brasiguaião” é cheio de significados e não há uma explicação única para essa identidade. Nessa fronteira específica entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero há uma gama de identidades que se se

2018).

A vivência na fronteira nos permite fazer trocas, não somente de mercadorias, mas também de laços culturais, desde o material ao imaterial, as vivências e o sentimento de pertencimento fazem parte da vida dos fronteiriços que transitam ora de um lado, ora do outro lado para suprir suas necessidades de vida.

Depois de ter acelerado o processo dos estudos na EJA (Educação de Jovens e Adultos), no ano de 2012 iniciei a carreira no magistério e passei a lecionar na mesma escola na qual estudei, a Escola Municipal Ramiro Noronha, e percebi que o cenário não mudou muito desde a época em que estudava nesta referida escola. Diante disso, decidi empreender um estudo que abordasse, de alguma maneira a problemática da escola na fronteira.

O mapa 2, mostra a localização da Escola Municipal Lydio Lima, a qual será o nosso recorte empírico. A instituição de ensino está localizada bem próxima a linha de fronteira, e nesse espaço transitam muitos estudantes residentes em Pedro Juan Caballero e que estudam no território brasileiro, formando assim comunidades escolares com muitas particularidades, as quais necessitam de um olhar diferenciado acerca das dinâmicas do cotidiano escolar. Os estudantes diariamente atravassam a faixa de fronteira para estudar na referida escola, através dos dados qualitativos foi constatado que em média cinquenta estudantes são residentes em Pedro Juan Caballero, o transporte mais utilizado pelas famílias para fazer o trajeto da residência até a escola são as motocicletas estrangeiras. Conforme mostrado no mapa 2, a Escola Municipal Lydio Lima está a 893 metros de distância da linha divisória da fronteira, sendo a escola brasileira mais próxima em relação a cidade de Pedro Juan Caballero naquela região.

e se confundem. O pesquisador Jonas Ariel Cantaluppi de Souza em sua dissertação de mestrado coloca o desafio de perceber essa gama de identidades que se encontram no espaço fronteiriço, dentre elas o brasiguaió, apontando que “O termo brasiguaió será destinado aos contingentes brasileiros que migraram para o leste paraguaio em busca de terras. Essa denominação ainda é utilizada nos dias de hoje para indicar os que ainda residem no Paraguai e os que já retornaram (...). A construção da identidade “brasiguaió” que

se iniciou na década de 1950, quando o presidente Alfred Stroessner assume o poder da República do Paraguai e inicia um processo de legitimação de poder e interesses geopolíticos juntamente com a República do Brasil” (Souza, 2018, p. 88).

Mapa 2: Escola Lydio Lima



Fonte: Silva, V. P., 2023.

A escolha dessa instituição se deu pelo significado afetivo que a pesquisadora possui com os membros da comunidade escolar, pois a mesma lecionou durante o período de três anos nas séries iniciais e depois ocupou o cargo de coordenadora da referida instituição. Diante dessa vivência, foi possível identificar algumas percepções socioespaciais dos estudantes acerca da fronteira, sendo que:

A escola ganha assim uma importância central nesse processo de discussão e problematização da alteridade/diferença, sendo um ambiente no qual a interação e o contato entre brasileiros e paraguaios (brasiguaios) pode se tornar uma fonte de relações nas quais o respeito para com as diferenças estejam presentes cotidianamente, sem inferiorizações alheias, para assim chegar a práticas sociais emancipatórias e a formas de exercer a cidadania além dos marcos legal-regulatório presente nas fronteiras internacionais (Terenciani, 2011, p. 68).

Conforme já mencionado, a metodologia desta pesquisa pautou-se numa abordagem qualitativa, buscando analisar as percepções da fronteira por meio de

11

desenhos elaborados pelos estudantes. Além disso, foram realizados levantamentos bibliográficos e entrevistas com os sujeitos que integram o ambiente escolar, com foco específico na Escola Municipal Lydio Lima. Este estabelecimento educacional serve como recorte espacial e empírico fundamental para a investigação, proporcionando um contexto rico e singular para a análise das percepções dos estudantes acerca da fronteira.

Para atingir o objetivo principal, dividimos o nosso trabalho em duas etapas:

Primeiramente deve-se levar em conta que “o ponto de partida de uma investigação científica deve basear-se em um levantamento de dados. Para esse levantamento, é necessário, que no primeiro momento, se faça uma pesquisa bibliográfica” (Boni; Quaresma, 2005, p. 70). Assim sendo, com base em revisão bibliográfica, contextualizamos a fronteira Brasil-Paraguai, mais especificamente as cidades gêmeas de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.

Caracterizamos o recorte espacial, a Escola Municipal Lydio Lima, porque é uma escola que está próxima da linha divisória dos dois países. Há uma porcentagem dos estudantes que são paraguaios e que residem nos bairros do outro país, e atravessam a fronteira diariamente para estudar na escola do Brasil.

Na parte dois, apresentaremos os dados, informações e análises realizadas a partir dos procedimentos realizados em campo que envolveram conversas com os estudantes do primeiro ano B do Ensino Fundamental I, do período vespertino, um bate-papo para coletar informações; o experimento com desenhos, a fim de entender como as crianças dessa turma percebem a dinâmica socioespacial da fronteira. Para isso, inicialmente acompanhamos a professora regente do 1º ano B da Escola Municipal Lydio por um período de duas semanas. Este tempo permitiu que criássemos vínculos com as crianças e que elas se adaptassem à nossa presença na sala de aula. Durante esse período, conversamos com a professora regente para compreendermos melhor o universo da turma e suas dinâmicas. Após o período inicial de acompanhamento, organizamos uma roda de conversa com as crianças. O objetivo foi conhecer melhor as línguas faladas pelos estudantes, bem como suas percepções acerca da fronteira. Utilizamos as dinâmicas da produção de desenhos e conversas para estabelecer uma conexão profunda

com os estudantes do primeiro ano. E nesse momento entendemos que o desenho se torna uma importante ferramenta pedagógica.

(...) o desenho infantil se configura como elemento privilegiado de expressão e de representação, sendo, portanto, elemento de extrema

12

importância àqueles que desejam pesquisar questões relacionadas ao universo infantil. Defendemos que o desenho infantil se configura num espaço de acesso a esses símbolos produzidos pela criança que, muitas vezes, não encontram caminhos de expressão no discurso oral, os quais são de extrema importância para a promoção das experiências e vivências adquiridas (Goldberg, Frota, 2017, 177).

A partir dessas interações com os desenhos, foi possível realizar uma leitura socioespacial da fronteira diante do contexto do território percebido pelas crianças durante seus trajetos de casa para a escola. Isso nos permitiu entender melhor como essas fronteiras são percebidas e vivenciadas pelas crianças no dia a dia escolar. Esse processo não apenas fortaleceu nosso vínculo com a turma, mas também nos proporcionou *insights* valiosos sobre a percepção infantil em relação ao espaço e a comunidade onde estão inseridas. Na parte dois falaremos acerca da formação histórica da fronteira, como também a apresentação da Escola Municipal Lydio Lima e a educação na fronteira.

13

PARTE I - CONTEXTUALIZANDO A FRONTEIRA EM ANÁLISE

Formação histórica da fronteira de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero

Antes de abordarmos o ambiente escolar, devemos situar o contexto da fronteira, pois é um espaço complexo dinâmico e único, onde se manifestam diversas culturas, identidades, línguas e conflitos entre os atores sociais distintos. Para empreender um trabalho específico sobre a educação escolar, é necessário levar em conta essa realidade para perceber os desafios que se estabelecem na fronteira.

O cenário histórico e multicultural da fronteira entre Pedro Juan Caballero-PY e de Ponta Porã-BR, foi formado logo após a finalização da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), conflito bélico ocorrido na aliança entre Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai.

Praticamente toda a faixa de fronteira do Brasil e Paraguai foram disputadas durante o conflito, incluindo o extremo sul sul-mato grossense, atual sub-região de fronteira CONE-SUL. Este processo de disputa territorial é de grande relevância nos aspectos culturais e territoriais da porção sul e oeste do Estado de Mato Grosso do Sul (Silva, 2019, p. 38).

Para entender as singularidades dessa fronteira é necessário estar ciente de que houve movimentos temporo-espaciais que a levaram estar como hoje, pois “a realidade está em movimento, assim como a fronteira. Não podemos entendê-la como estática ou como uma mera linha demarcatória, a fronteira apresenta-se como movimentos, no plural, pois são diversos a cada tempo e espaço” (Abreu, 2021, p. 68).

A constituição da cidade Ponta Porã se deu no processo explicitado a seguir:

Antes do conflito entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, a região era de domínio do Paraguai e era habitada por povos indígenas tais como os Kaiowá e os Nhandeva. Com o fim da Guerra, iniciou-se um processo que visava à estabilização e controle das regiões brasileiras que faziam fronteira com o Paraguai (...) A ocupação da região se deu devido ao fato de o Imperador Dom Pedro II, temeroso de uma possível tentativa de usurpação do território nacional, instituir uma colônia militar para guarnecer o território e sua fronteira; além de objetivar o contínuo contato da região com a Capital do Império. Ponta Porã, até 18 de julho de 1912, era um distrito secundário de Nioaque e, depois, ficou subordinado ao distrito de Bela Vista. Com a publicação – em 18 de julho de 1912 – do Decreto n. 617, passou à condição de município de Ponta Porã, deixando, assim, de ser distrito de Bela Vista. No entanto,

14

só com a publicação do Decreto n. 820, de 29 de outubro de 1920, passou a existir oficialmente como cidade (Nascimento, 2014, p. 113).

Levando em conta a grande complexidade da formação histórica da conurbação entre cidades do Paraguai e Brasil, Pedro Juan Caballero passa de fato a existir em 1901.

O nome da cidade, Pedro Juan Caballero, é em homenagem ao capitão Pedro Juan Caballero, um dos líderes da independência do Paraguai. A cidade está situada a 536 km de distância de Assunção e a 596 km de Ciudad del Este (...). Em dezembro de 1899, às margens da lagoa Punta Porá, erigiu-se a primeira delegacia de polícia da região. Tal fato ficou relacionado historicamente com a criação do Município de Pedro Juan Caballero; que só obteve reconhecimento político e militar por meio do Decreto de 30 de agosto de 1901. Para alguns estudiosos, Pedro Juan Caballero só começou a existir oficialmente a partir da publicação do mencionado decreto (Nascimento, 2014, p. 111-112).

Pedro Juan Caballero tem grande relevância para todo Estado paraguaio devido sua importância histórica na Guerra da Tríplice Aliança. A formação histórica dos territórios e, mais precisamente a demarcação da linha de fronteira, deixou fortes marcas nos vários setores das relações socioespaciais.

Existe descaso histórico com as condições de vida, com as especificidades culturais, demonstrando a oficialidade (governamentais) da dominação da concepção de fronteira enquanto perigo e controle. Isso é indicativo de que a fronteira não passa de uma “linha” demarcatória, a partir do qual está definido as regras de um lado e do outro lado. Não é percebida como espaço, formada por territórios diversos, ambíguos e singulares, que não se limitam na linha imaginária (Abreu, 2021, p. 67).

Diante do que Abreu (2021) nos traz, percebe-se que historicamente a fronteira nesse lugar singular não passa de uma linha demarcatória imaginária, que baliza as políticas de cada país-cidade. A fronteira não é entendida como um conglomerado de territórios com suas singularidades que demarca e reparte os Estados Nacionais, mas que ultrapassa essa linha imaginária.

A história de formação territorial dos dois países tem sido alvo de inúmeras pesquisas e tem como objetivo entender os processos ao longo do tempo que de uma forma ou de outra, levantam polêmicas sobre delimitações e teve sobre o presente, tensões no vivido da fronteira. Alguns trabalhos que podem ser acessados para compreender os processos históricos da formação dos Estados Nacionais e suas relações e conflitos são:

15

Oliveira (2012), Goettert (2017) e Torrecilha (2013).

O município de Ponta Porã, no passado, já foi um território federal brasileiro, durante o governo de Getúlio Vargas, conforme o Decreto-Lei de número 5.812 de 13 de setembro de 1943.

Após a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, foram criados seis territórios estratégicos para gestão direta do governo federal, Ponta Porã, no extremo Sudoeste do estado foi um destes territórios, sendo anexado novamente ao Mato Grosso pela constituição de 1946 (Silva, 2019, p. 39).

Desde da finalização da Guerra contra o Paraguai a história da fronteira de Ponta Porã-BR e Pedro Juan Caballero-PY, foi marcada por ações do pós-guerra que demonstraremos a seguir. Essa fronteira é considerada como uma fronteira seca, pois não possui barreiras naturais, ou barreiras físicas construídas pelo homem com o objetivo de dividir os dois países.

(...) Ponta Porã e Pedro Juan Caballero têm apenas marcos de concreto que definem de qual lado da fronteira se está (...). Basta cruzar uma haste artificializada, que estará de frente a tendas e galpões de vendas de importados e comestíveis que, se encontram ora aqui -Avenida Marechal Floriano, no Brasil, ora lá, na Avenida Dr. Francia, Paraguai (Santos, 2021, p. 114).

Constituindo-se como cidades gêmeas⁶ conforme definido pela Portaria 125/2014 do Ministério de Integração Regional. Espaço de encontro territorial, cultural, as cidades-gêmeas têm potencial de interação socioeconômica visada pelos governos dos dois lados: “Fica demonstrado que na visão governamental, as cidades-gêmeas são espaços de interação, constituídos de relações transfronteiriças que devem ser atendidas por políticas públicas, uma vez que as mesmas possuem grande potencial de integração econômica e social” (Paniagua, 2020, p. 16).

Analisando os fatos históricos e as fontes bibliográficas referentes ao assunto, pode-se considerar que o comércio teve um papel fundamental para a formação das duas

⁶ No estado de Mato Grosso do Sul as cidades que são consideradas gêmeas são: “Em MS as urbes fronteiriças com o Paraguai e que são consideradas como cidades-gêmeas, são respectivamente: Bela Vista, que é vizinha de Bella Vista Norte (PY); Coronel Sapucaia, vizinha de Capitán Bado (PY); Mundo Novo, que faz divisa com Salto del Guairá (PY); Paranhos, com Ypejhú (PY); Porto Murtinho, que faz fronteira com Capitán Carmelo Peralta (PY); e Ponta Porã, que fica ao lado de Pedro Juan Caballero (PY). Por sua vez, na fronteira com a Bolívia as cidades-gêmeas são Corumbá (BR) e Puerto Quijarro (BOL) (BRASIL, 2016b)” (dos Santos; de Oliveira Souza, 2022, p. 24-25).

cidades, pois ambas nascem com a mesma atividade econômica. Segundo Souza (2018, p. 23):

A formação destes territórios inicia-se a partir da necessidade de conviver e compartilhar este espaço entre dos países, separados por um limite que, contudo, não blindou as relações entre brasileiros e paraguaios que se instalavam na região para a exploração da *Ilex Paraguariesis* (erva mate). O processo de colonização desta fronteira está relacionado não somente por sua importância econômica, mas

também pelo fato da região ser importante para delimitar o território à leste do Paraguai e proteger as fronteiras do oeste brasileiro, estabelecendo assim núcleos urbanos nesta direção, logo após o fim da Guerra Guazú (1864 –1870).

Até a finalização da Guerra, Laguna Punta Porã era o nome de um vilarejo às margens de um lago no Paraguai onde os viajantes com suas carroças de boi paravam para descansar. Com o passar do tempo, essa parada de descanso foi se modificando, surgindo assim os primeiros comércios da época. O primeiro comércio foi fundado por Pablito Ramires que ficou conhecido como La Paraje Punta Porã que em português quer dizer A Parada da Ponta Bonita (Cardona Benítez, 2008).

En la actualidad vista es sorprendida por las edificaciones y en las horas de la noche por las luces de las urbes, percibiéndose la extensión y el fabuloso crecimiento de las ciudades, que em su conjunto forman la “Punta de Lanza”, em antaño dibujada por los Perobales, origem del nombre Punta Porã. Com dicha denominación se conocia em el siglo XIX y principios del XX al área ubicada em la cima de cordillera, donde nutridos conoyes y arias tenán su apostadero em que llamaban Paraje Punta Porã, y logo Poblado de Punta Porã (Cardona Benítez, 2008, p.17).

A origem das cidades gêmeas de Ponta Porã-BR e Pedro Juan Caballero-PY se dá simultaneamente nesse território da lagoa; na atualidade resta apenas uma lagoa entre as que faziam parte da área original de Punta Porã. Esta lagoa foi rebatizada de "Laguna Punta Porã" a pedido dos próprios moradores no início da urbanização, quando começaram a construir suas casas no entorno do lago. Com o passar dos anos a "Laguna Punta Porã", passou despercebida até meados de 1970, quando aos poucos foi sendo revitalizada, tornando-se um ponto turístico das duas cidades, conforme o livro de Cardona Benítez (2008, p. 20) *A las orillas de la laguna surge el poblado.*

La ausencia de documentos a cerca del momento preciso em que los
17

primeros pobladores empezaron a fijarse em el Paraje Punta Porã, para construir el poblado, dito lugar a una série de versiones conservadoras por la tradición oral, y que em determinado momento fueron recogidas y publicadas em libros y textos ya em el siglo XX (Cardona Benítez, 2008, p. 148).

Conforme Souza (2018), a fronteira de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, é fruto tanto da visão mais tradicional do território em sua dimensão

jurídico-administrativa (áreas controladas pelo Estado) quanto produto de processos simultâneos de dominação (econômico-social) e apropriação (cultural simbólica), considerando que estas duas últimas podem não coincidir nos limites impostos pelo Estado.

Mobilidade, contatos, hibridismos e conflitos no cotidiano da fronteira

A partir das contradições do vivido na fronteira, e as consequências de sua formação histórica após a Guerra “De la Tríplice Aliança”, a fronteira pode ser vista como uma fronteira porosa (Nascimento, 2019), carregada de simbologias identitárias e limites quanto ao “outro que é do outro lado”. Hissa (2002), no livro “A mobilidade das fronteiras”, traz uma reflexão epistemológica acerca dos conceitos de fronteiras e limites, fornecendo imagens conceituais equivalentes. Contudo, o autor desenvolve as diferenciações entre os conceitos ao considerar que

(...) o limite está voltado para dentro, enquanto a fronteira, imaginada do mesmo lugar, está voltada para fora, como se pretendesse a expansão daquilo que lhe deu origem. O limite estimula a ideia sobre a distância e a separação, enquanto a fronteira movimenta a reflexão sobre contato e a integração. O limite almeja a precisão e se insinua como muro, mas, contraditoriamente, por estar contido na fronteira e através dela, apresenta-se também como uma transição. (Hissa, 2002, p. 35).

Como bem nos informa, Hissa (2002), há uma diferença entre limite e fronteira. A primeira pode ser comparada como um muro e baliza onde acaba o território de uma nação, já a segunda pode ser entendida como uma zona de contato com o outro.

O estado de Mato Grosso do Sul possui 436,9 km de extensão de fronteira seca com o Paraguai. De acordo com Pereira (2009) há três nomenclaturas para se referir aos municípios que se encontram na zona de fronteira:

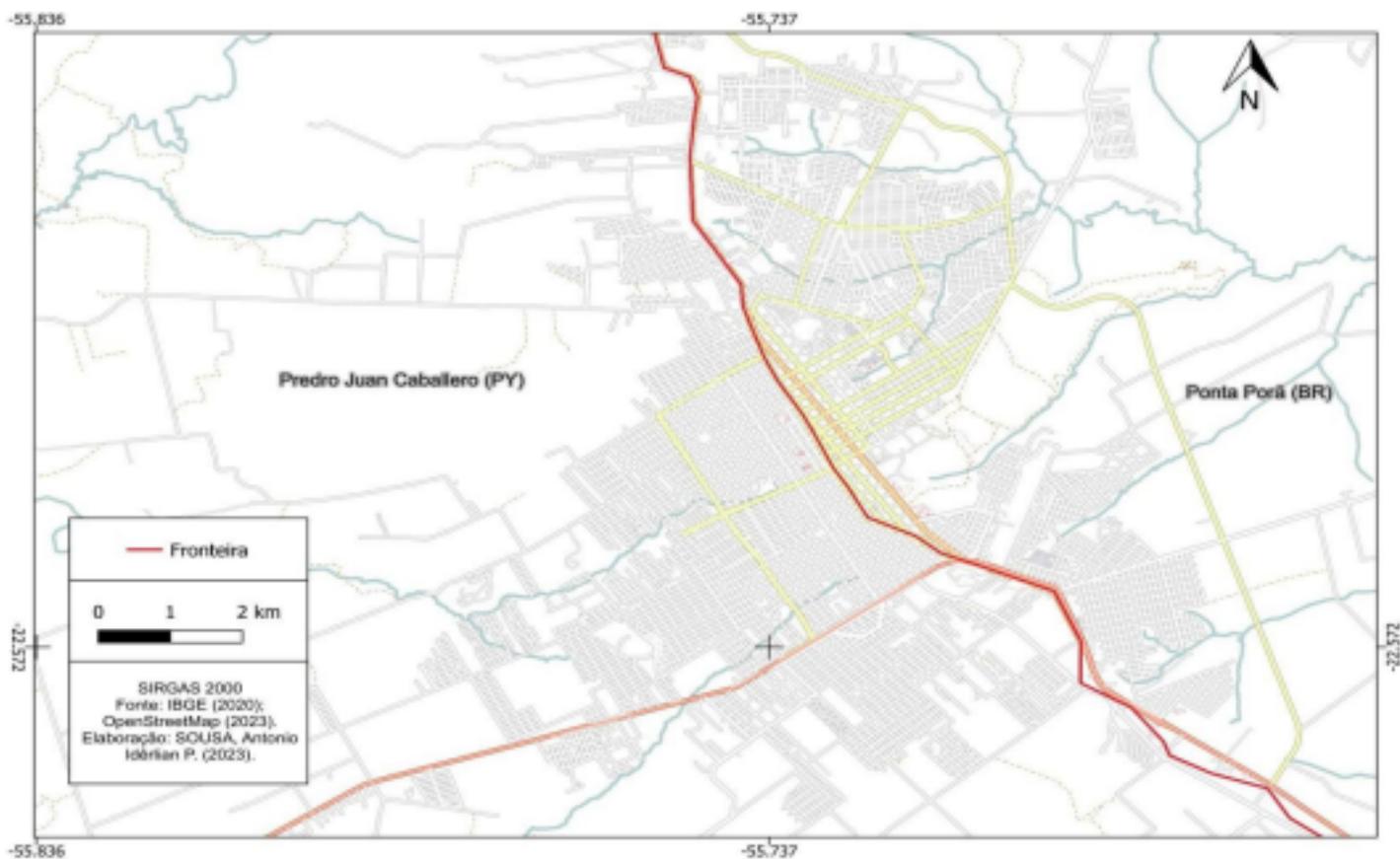
18

(...) são adotadas três nomenclaturas para classificar os municípios situados em área de fronteira geográfica, a saber: a) municípios de faixa de fronteira, isto é, que estão dentro da faixa de 150 quilômetros da linha demarcatória oficial, conforme a Constituição brasileira de 1988; b) municípios na Linha de fronteira, que estão próximos a uma faixa de poucos metros, que as comissões limítrofes reservam nas fronteiras urbanas e; c) municípios fronteiriços que são denominados de cidades geminadas, por serem cidades que se desenvolveram nos limites de

países vizinhos (Pereira, 2009, p. 53).

Ponta Porã se encaixa tanto na condição “b”, porque está em contato com a linha divisória e na condição “c” porque está na condição de geminação. Ela está localizada na região Sudoeste do estado do Mato Grosso do Sul, com altitude média de 755m, e a uma distância de aproximadamente 320 km da capital sul-mato-grossense Campo Grande. De acordo com o censo 2023 do IBGE, a população do município de Ponta Porã é de 97.577 habitantes, “O município de Ponta Porã-MS localiza-se a aproximadamente 115 km ao Sul de Dourados-MS, sendo um município com grande fluxo de turistas, de trabalhadores e estudantes, gente do Brasil e do Paraguai que circulam todo o tempo, ‘de um lado, para outro lado’” (Abreu, 2021, p. 74). O mapa 3, demonstra a linha divisória da fronteira.

Mapa 3: Ponta Porã-BR e Pedro Juan Caballero- PY.



Na especificidade das fronteiras do Brasil e Paraguai, temos a singularidade de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, sendo “(...) a cidade de Ponta Porã, uma das faixas de fronteira mais populosa do MS, onde Pedro Juan Caballero é a sua irmã gêmea”

(Santos, 2021, p. 114). Pedro Juan Caballero é a capital do Departamento de Amambay (Godoy, 2020), e está “situada a 536 km de distância de Assunção” (Nascimento, 2014, p. 111) e se encontra na região nordeste do Paraguai. Segundo a Dirección General de Estadísticas, Encuestas y Censos-DGEEC de 2023, Pedro Juan Caballero possui uma população de 127.437 habitantes.

Em outra escala de entendimento da fronteira, no plano urbano essa conurbação assim se caracteriza:

A linha de fronteira, que demarca o limite internacional no contexto urbano, constitui-se numa estreita faixa de terra, com aproximadamente 13 km de extensão, tangenciada pela Avenida Internacional, no lado brasileiro, e pela rua Dr. Francia, no lado paraguaio (Nascimento, 2014, p. 116).

Avenida no Brasil e ruta no Paraguai, localizadas em seus planos urbanos, demonstram concretamente a linha internacional, sendo a linha divisória entre os dois países. É nesse espaço específico que os cidadãos dos dois países vão transitar livremente entre uma cidade e outra sem que haja algum controle de cidadania, pois não há fiscalização aduaneira que regule a movimentação das pessoas.

Figura 7: Divisa BR-PY - Linha de Fronteira



Fonte: Silva, V. P., 2023

A fronteira neste espaço específico é caracterizada pela diversidade cultural e

pela multiplicidade de relações socioespaciais. “A fronteira é uma explosão de cheiros, cores, etnias, idiomas, sons, rostos, sorrisos, crimes, pobreza, desigualdade social, amores, tristezas, belezas, entre tantas outras coisas” (Garcia, 2020, p. 13).

Depois desta apresentação de dados gerais nas escalas de Estados e cidades, podemos questionar: e o espaço vivido pelos sujeitos em suas multiplicidades, que cravam relações neste específico lugar?

Barbosa (2018) em uma pesquisa sobre: “Imigrantes Árabes na Fronteira de Pedro Juan Caballero (PY) e Ponta Porã (BR)”, nos coloca o seguinte: “Esta fronteira entrelaça o conviver através da multiplicidade destas identidades, possibilitando remodelamento as adequações para o convívio na fronteira e permitindo uma mobilidade incessante da cultura e costumes (...)” (Barbosa, 2018, p. 12).

Sendo assim, o que caracteriza esse espaço? É uma fronteira do encontro e cooperação (integração), ou do desencontro e conflito (separação)? Uma certeza temos:, “É comum que existam pessoas que trabalham no Paraguai e moram no Brasil, ou que estudem no Brasil e morem no Paraguai” (Abreu, 2021, p. 73). Há um trânsito intenso de lá para cá e vice-versa, que ultrapassa os limites do Estado.

Nas várias formas de sociabilidade existentes entre os jovens e crianças (brincadeiras, conversas sociáveis nos grupos de amigos nas praças, bares, festas etc.) têm acontecido algumas aproximações e trocas de experiências e de significados culturais. Embora existam muitos grupos específicos de brasileiros ou de paraguaios, podemos observar grupos mistos e grandes amigos que se identificam como pertencentes a nações distintas (Albuquerque, 2010, p. 584).

Com a afirmação de Albuquerque (2010), vemos que há aproximações amistosas entre brasileiros e paraguaios. Essa integração nas relações do espaço vivido se realiza em algumas experiências culturais, onde surgem sujeitos híbridos com um sentimento de pertencimento para com os dois países. Souza (2018) endossa ainda mais essa aproximação amistosa nas relações sociais:

No tocante à integração nas escolas, feiras, festas locais, eventos culturais, rádios, televisão, e o próprio comércio, percebeu-se que apesar do limite territorial fixado pelos Estados-nacionais, as relações de parentesco e trocas culturais existentes na fronteira, dando ênfase as manifestações artísticas e culturais, há uma constante troca de

experiências culturais entre os dois povos. Disso emerge o sujeito híbrido, transculturado, e sua identidade em processo acompanha essa

mudança. Por transitar em multiterritórios este será formado por elementos de cada território e o sentimento de multipertencimento ou de estratégias de vida produzirá novas identidades (Souza, 2018, p. 113).

Através da fala do pesquisador entendemos que as relações entre os distintos atores sociais se passam por uma amistosidade e uma intensa troca cultural, no entanto, de forma generalizada o contexto social não é bem assim, pois “existe uma separação” (Barbosa, 2018, p. 104).

Há separação e conflito existentes na fronteira, levando em conta que talvez não haja espaço sem contradição. Há diferenças socioeconômicas, políticas e jurídicas entre as cidades (países) que geram tensões, “Há uma tensão relacional na materialidade do Estado, há interesses e disputas entre as classes e frações de classe, sobretudo a disputa da sociedade civil” (Abreu, 2021, p. 26).

A discussão sobre a interferência do Estado nas relações econômicas e na promoção da integração regional através de políticas e programas é bastante relevante, especialmente no contexto de regiões fronteiriças como a mencionada entre o Paraguai e seus países vizinhos. No caso específico do Paraguai, o país tem adotado estratégias como a criação de comissões para lidar com os deslocamentos de pessoas, veículos e mercadorias na fronteira e a integração, “Para isso o Paraguai tem estabelecido comissões mistas que visam tratar das questões relacionadas ao deslocamento das pessoas, dos veículos, e das mercadorias nas regiões de fronteira, a fim de promover o desenvolvimento e a integração fronteiriça” (Paniagua, 2020, p. 89).

As iniciativas visam não apenas facilitar o fluxo de bens e pessoas, mas também promover o desenvolvimento econômico e a integração regional. É interessante notar que, apesar das políticas estabelecidas pelo Estado, a integração efetiva e o sentimento de pertencimento compartilhado entre os habitantes de regiões fronteiriças nem sempre são homogêneos. Como mencionado por Albuquerque (2010), embora haja algumas aproximações e laços de pertencimento para com ambos os países vizinhos, isso não é universalmente generalizado. Alguns indivíduos podem se identificar com mais de um país, falar as línguas locais e estar envolvidos em práticas comerciais transfronteiriças, enquanto outros podem ter identidades mais distintas e menos interligadas.

Essa complexidade nas relações de integração regional reflete não apenas questões econômicas e políticas, mas também culturais, sociais e históricas. A criação de

políticas e programas pelo Estado é um passo importante, porém, a eficácia dessas medidas pode variar dependendo de diversos fatores, incluindo a cooperação entre os países vizinhos, o nível de infraestrutura disponível nas fronteiras e a aceitação local das iniciativas promovidas. Portanto, a discussão sobre a integração regional nas fronteiras envolve não apenas a ação governamental, mas também a percepção e a participação dos indivíduos e comunidades locais, assim como a interação entre os diversos atores sociais e econômicos que operam nessas áreas.

Depois de tratar da formação histórica da fronteira de Ponta Porã-MS e Pedro Juan Caballero e de suas singularidades, abordaremos algumas questões relativas à educação na fronteira, tendo em vista que nossa pesquisa tem como foco as percepções socioespaciais dos estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental.

Educação na fronteira

Neste tópico da dissertação, o nosso objetivo é discorrer acerca dos desafios da educação na fronteira tendo em vista ser um espaço de fluxos, obstáculos, relação de poder em suas infinitas formas e de vivências dos sujeitos que transitam de um lado e outro da fronteira.

As escolas situadas em áreas de fronteira, como Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, são notáveis por sua diversidade cultural e desafios educacionais únicos. Nesses ambientes, a proximidade geográfica com países vizinhos, como Brasil e Paraguai, resulta em uma rica tapeçaria cultural. Estudantes e educadores representam uma ampla gama de origens étnicas, linguísticas e culturais, trazendo consigo perspectivas únicas para a sala de aula (Pereira, 2009).

A diversidade não advém apenas dos países próximos ao Brasil ou outras cidades do estado, também inclui pessoas de diversas partes do mundo, devido à natureza comercial e migratória da região. Essa diversidade cultural traz consigo desafios e oportunidades para o sistema educacional.

As escolas de Ponta Porã têm o desafio de oferecer uma educação inclusiva que valorize e respeite as diferentes culturas representadas na comunidade escolar, como aponta Pereira “(...) quer se afirmar que em zona de fronteira há toda uma forma cultural, ocasionada pelos contatos que se pulverizam em face da presença de contingentes

A necessidade de adaptação curricular, suporte linguístico adequado e sensibilidade cultural é crucial para garantir que todos os estudantes tenham acesso equitativo ao ensino. Além disso, o contexto transfronteiriço traz a necessidade de promover a compreensão multicultural, preparando os estudantes não apenas para o sucesso educacional, mas também para a colaboração eficaz em um mundo diversificado e interconectado.

Considerando a rica diversidade cultural, a educação brasileira muitas vezes falha em não reconhecer essa multiplicidade, optando por métodos de ensino que tendem à homogeneização.

A escola brasileira ignorou por muitos anos a condição de fronteira. Nela imperou uma relação formal que anulou as diferenças em virtude da força homogeneizadora da escola. Ela funcionou como as demais escolas do território nacional. Por muitos anos os conteúdos baseavam-se exclusivamente no livro didático enviado pela FAE/MEC, uma vez que a parte diversificada do currículo não se destinava a projetos ou a atividades que contemplassem as particularidades locais (Pereira, p. 102, 2014).

Durante muito tempo, a escola brasileira nas regiões de fronteira foi caracterizada por uma abordagem uniforme e centralizada, que ignorou as especificidades locais. Essa prática se refletiu, entre outros elementos, na predominância de conteúdos baseados em livros didáticos padronizados pelo Ministério da Educação sem considerar as particularidades culturais e sociais das áreas fronteiriças. A falta de projetos educacionais que integrassem essas realidades locais contribuiu para uma experiência escolar homogeneizada, que não valorizava nem promove as identidades regionais, uma vez que não só o estudante brasileiro ocupa as escolas de fronteiras.

Como essa realidade pode ser modificada? Os pesquisadores Rodrigo Rocha da Silva e Orlando Moreira Junior apontam algumas possibilidades:

Diante disso, faz-se necessário que as secretarias de educação (estadual ou municipais) criem projetos e estratégias para que a educação de fronteira possa, de fato, oferecer um atendimento educacional significativo aos alunos paraguaios que se matriculam em escolas brasileiras. (2019, p. 1117).

Diante da realidade descrita, é crucial que as secretarias de educação estaduais e municipais desenvolvam estratégias específicas para atender adequadamente todos os estudantes matriculados em escolas brasileiras nas regiões de fronteira. Portanto, é

24

essencial implementar medidas educacionais que reconheçam e valorizem as diferenças culturais e sociais desses estudantes, promovendo um ambiente inclusivo e enriquecedor para todos. A produção da vida na fronteira está atrelada à possibilidade de coexistência, do transitar e do suprir as necessidades nos dois lados, as contradições são presentes em todas as esferas da vida dos pedrojuaninos e dos pontaporanenses.

A educação na região de fronteira, conforme evidenciado por diversos pesquisadores tais como Melo et al., 2016; da Silva; Junior, 2019; Anastácio; Junior, 2020; Gonzales; Bueno, 2022; Torchi; da Silva, 2014, Pereira (2009, 2014) frequentemente destaca a questão da língua como um ponto crucial. Gonzales e Bueno (2022) reiteram que

(...) muitos alunos paraguaios que ingressam nos anos iniciais do ensino fundamental, apresentam dificuldades em aprendizagem, pois se comunicam em Guarani e/ou Espanhol, conseqüentemente os professores que lidam com a realidade da região fronteira, também sentem dificuldades para trabalhar com essa diversidade (p. 8).

Esse é um dos pontos principais, mas não único. Enxergamos uma contradição assentada no cenário educacional, sendo a educação, de acordo comum da Lei de Diretrizes da Base da Educação Nacional (LDBEN), um direito de todos. Ela assegura, assim, a formação comum indispensável para o exercício da cidadania, porém, em muitos casos, essa cidadania não é considerada, ou melhor, ela nem existe e isso fica mais evidente dentro das nuances da fronteira.

O artigo 5º da Constituição Federal de 1988 indica que: Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país⁷a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

Analisando os princípios da Lei de Diretrizes da Bases da Educação Nacional nº.9.394, de 20 de dezembro de 1996, em seu artigo 2º, vemos que suas orientações vêm de encontro aos fatores enfrentados na escola de fronteira, contrapondo assim a realidade

vivenciada por estudantes e docentes:

- Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios

⁷ Há de se levar em consideração que nem todos os estudantes que estudam na escola Municipal Lydio Lima residem no Brasil. Alguns deles apenas atravessam a linha de fronteira e vão estudar em Ponta Porã. Essas especificidades de trânsitos espaciais ficarão mais evidentes na segunda parte deste trabalho, quando buscaremos entender o perfil da comunidade escolar.

25

de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o mundo do trabalho.

- Art. 3º. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I -

igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;

IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;

V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; VI

- gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; VII -

valorização do profissional da educação escolar;

VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;

IX - garantia de padrão de qualidade;

X - valorização da experiência extraescolar;

XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

XII - consideração com a diversidade étnico-racial. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

XIII - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida.
(Incluído pela Lei nº 13.632, de 2018)

26

XIV - respeito à diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, surdo-cegas e com deficiência auditiva. (Incluído pela Lei nº 14.191, de 202

O inciso XIV destaca o “respeito à diversidade humana e linguística”, e geralmente, isso não é respeitado como aponta GOULART (2017, p. 12): “(...) as escolas estaduais e municipais, mesmo de região de fronteira internacional, não promovem a flexibilidade linguística, sendo o português a língua oficializada para as práticas educativas”.

Ao dialogar com a LDBEN e com o artigo 5º da Constituição Federal, trazendo para a ótica da fronteira, é possível perceber os impasses do ensino nas escolas na fronteira. O Plano Municipal de Educação de Ponta Porã traz de forma explícita essas dificuldades frente à falta de mudanças garantidas na legislação; existe uma grande barreira entre o que se tem, o que se almeja e a realidade. Para ilustrar tal problemática, apresentamos um excerto do Plano Municipal de Educação (PME) de Ponta Porã:

Reiteramos, por meio deste plano, que as escolas públicas ainda não obtiveram as mudanças garantidas na Constituição Federal de 1988: universal, gratuita e acolhedora, preparada para receber todos, assegurando a cada um o desenvolvimento pleno de suas capacidades. A tônica do Plano Municipal de Educação teve em sua essência uma construção coletiva, com participação de toda a sociedade, objetivando a organização e o fortalecimento do sistema de ensino pontaporanense. No entanto, acreditamos que o Plano Municipal será mais forte e exigirá mais empenho político na sua realização à medida que se mobilize o compromisso e se expressem as necessidades concretas, as ideias, as propostas e os anseios de todos os que vivem no município (PME, 2015, p. 16).

Nas entrelinhas do Plano Municipal de Educação, percebe-se um apelo quanto a ausência de políticas públicas. Desde sua formulação, muitas mudanças aconteceram, uma vez que a produção da vida social é cíclica e muda conforme as temporalidades. Como já mencionado ao longo deste texto, a escola na fronteira enfrenta muitos desafios, entre eles, a disparidade no processo de ensino e aprendizagem com os estudantes oriundos de outras línguas que estudam na escola do Brasil.

Os sujeitos que compõem a comunidade escolar, sejam pais, estudantes, professores, funcionários administrativos, carregam em si a cultura desse entorno social,

27

como definiu Milstein (2009, p. 36): as escolas “são espaços sociais diferenciados e ao mesmo tempo interrelacionados de múltiplas maneiras com os grupos, práticas e conflitos da sociedade local e global”.

Assim, a escola é um dos espaços representativos do Estado onde há manifestação da pluralidade e de identidades.

Entendemos que as escolas por si só são ambientes de sociabilidade que contam com uma pluralidade cultural e identitária de diferentes sujeitos (alunos, professores, diretores, e demais profissionais). Entretanto, no ambiente fronteiriço, estas pluralidades se tornam ainda mais visíveis, pois entram em choque os elementos que figuram representações de nacionalidades diferenciadas, marcadas por línguas distintas, valores diferenciados, enfim, todo um contexto cultural que tem como uma de suas esferas de contato o espaço das escolas brasileiras (Terenciani, 2011, p. 33).

O município e o Estado⁸ estão cientes dessa questão, no entanto, são raras as iniciativas para reverter tal situação conforme já foi apontado por outros autores como Terenciani (2011, p. 133):

(...) as escolas públicas de Ponta Porã, mesmo recebendo um número intenso de alunos paraguaios, não recebem nenhuma orientação curricular oficial por parte do município ou do estado relacionada a este tipo de situação, o que resulta em processos de não identificação e (re) conhecimento dos alunos para com a escola. Em relação às séries iniciais, o problema se torna ainda maior à medida que muitos alunos chegam à escola sem saber falar o português, e os professores e professoras não conseguem se comunicar com os mesmos, o que ocasiona déficits de aprendizado e prejuízo para o desenvolvimento cognitivo destes alunos.

Os estudantes são frutos da formação da sociedade fronteiriça e as línguas faladas também fazem parte da identidade e da relação socioespacial. “A criança é entendida como criadora de cultura, com múltiplas identidades, mutável e descentrada, mas, simultaneamente, corporizando as contradições da própria sociedade em que vive”

⁸ Deve-se lembrar que houve tentativa de melhor tratar as diferenças linguísticas e isso pode ser exemplificado pelo Programa de Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF). “No estado, o PEIF encontrou dificuldades nas fronteiras em que se fala mais de uma língua, diante disso no ano de 2010 transmutou-se para Programa de Escolas Interculturais de Fronteiras, afastando-se do aspecto linguístico e privilegiando o cultural, alterando sua nomenclatura de PEIBF (Projeto de Escolas Interculturais Bilingües de Fronteira) para PEIF (Programa de Escolas Interculturais de Fronteira), instituído por meio da Portaria n. 798, de 19 de junho de 2012, que instituiu o Programa de Escolas Interculturais de Fronteiras, publicado no Diário Oficial da União em 20 de junho de 2012” (Anastácio, 2018, p. 62). O projeto teve suas atividades iniciadas em 2005 e encerradas em 2014.

28

(Vasconcelos, 2011, p. 13). No caso da fronteira em estudo, uma dessas identidades presentes na escola relaciona-se à língua guarani.

Mesmo no Mercosul, onde compartilha espaço de língua oficial com as dominantes europeias, o Guarani não goza de prestígio nas políticas linguísticas propostas ao grupo. Enquanto o Português e o Espanhol têm investimentos na sua profusão, o Guarani permanece subjugado, enfrentando com tentativas pontuais a desvalorização (Felix, 2016, p. 46-47).

Enquanto o português e o espanhol têm prestígio nos mais variados âmbitos dos países da América do Sul, o Guarani mesmo já tendo reconhecimento como língua oficial no Mercosul ainda enfrenta a desvalorização e isso é demonstrando tanto nas políticas macro de Estados, quanto nos espaços cotidianos e escolares.

Pertencer a comunidades linguísticas transnacionais coloca em choque a diversidade existente em espaços nacionais fronteiriços e, conseqüentemente, a identidade dos sujeitos que formam a comunidade, intensificando, de um lado, os preconceitos (Ribeiro; DE Oliveira, 2018, p. 4-5).

A citação acima endossa aquilo que foi sentido durante o período em que estivemos na escola em diálogo com as crianças residentes no Paraguai e com a professora da classe. Percebeu-se que as mesmas têm mais dificuldades na consolidação do processo de ensino e aprendizagem e isso nos remete ao início deste texto, quando

foram

explicitadas as dificuldades da pesquisadora quando a mesma estudou na escola do Paraguai.

Abreu (2020, 94) diz que: “A língua constitui-se como identidade significativa, mas também como demarcação territorial”. Estar no Brasil implica necessariamente falar o português, mesmo que a família dos estudantes more no Paraguai.

Desta maneira, temos de nos ater a um conceito bastante importante para ciências humanas e sociais, a alteridade:

A alteridade revela-se no fato de que o que eu sou e o outro é não se faz de modo linear e único, porém constitui um jogo de imagens múltiplo e diverso. Saber o que eu sou e o que o outro é depende de quem eu sou, do que acredito que sou, com quem vivo e por quê. Depende também das considerações que o outro tem sobre isso, a respeito de si mesmo, pois é nesse processo que cada um se faz pessoa e sujeito, membro de um grupo, de uma cultura e sociedade. Depende também do lugar a partir do qual nós nos olhamos. Trata-se de processos decorrentes de

29

contextos culturais que nos formam e informam, deles resultando nossa compreensão de mundo e nossas práticas frente ao igual e ao diferente (Gusmão, 2000, p. 12).

Se não há consciência da alteridade, então, há a negação do outro e isso faz com que a complexidade cultural da qual o sujeito é advindo seja apagada. Isso quer dizer que o estudante enquanto não domina o português e não tem sua cultura reconhecida, torna-se invisibilizado enquanto sujeito. Dessa maneira o Estado e os sujeitos que ensinam fracassam diante dos desafios educacionais, na medida em que “(...) a escola se coloca por inteiro em sua complexidade e se defronta com seu maior problema, o fracasso diante da diversidade que nos constitui” (Gusmão, 2000, p. 12). Se a diversidade não é plenamente aceita, isso pode causar certa dificuldade de pertencimento cultural no estudante da fronteira, assim como foi observado durante o trabalho de pesquisa na escola.

A escola é um lugar plural, em que pessoas de várias idades, vindas de diversos contextos sociais e culturais, se encontram. No entanto, a escola na fronteira apresenta, de forma acentuada, essa pluralidade cultural, reunindo alunos que têm não somente culturas, costumes, tradições e realidades distintas, mas, muitas vezes, também falam uma língua diferente. Diante disso, o trabalho do professor torna-se ainda mais desafiador, pois cabe a ele proporcionar que brasileiros e estrangeiros, no caso aqui os paraguaios, tenham iguais condições de aprendizagem e desenvolvimento (da Silva; Junior, 2019, p. 1115-

As escolas situadas nas regiões de fronteiras têm um desafio a mais no ensino e aprendizagem, pois precisam lidar com a diversidade linguística e cultural de estudantes advindos do país vizinho. É tarefa do professor acolher os estudantes e a multiplicidade fazendo com que todos sejam tratados com igualdade e não afastar os estudantes ou ter qualquer tipo de atitude preconceituosa.

No entanto, os estudantes se vêm obrigados a alterar sua singularidade (identidade) para não cair nas armadilhas do preconceito, “uma das características do ser humano é a possibilidade de utilizar-se da linguagem para expressar e comunicar seus pensamentos e suas emoções. No entanto, por vezes, esbarra em preconceitos e tabus que limitam ou modificam a sua linguagem” (Orsi, 2011, p. 340). Isso significa que, muitas vezes, as normas sociais e os preconceitos fazem com que as pessoas ajustem sua forma de se comunicar e até mesmo sua identidade, a fim de evitar julgamentos negativos.

A “Pedagogia da Fronteira” (Vasconcelos, 2011) com uma responsabilidade social-cultural parece que ainda não envolveu as escolas das fronteiras, uma vez que essas

30

situações linguísticas em que há separação dos sujeitos com suas diversidades culturais, fazem com que os estudantes percam o sentido de si próprio.

A criança é capaz de se mover em terrenos de fronteira não perdendo um profundo sentido de si própria, mas, desde muito cedo, aprendendo a conviver com a diferença e com o Outro sem se sentir ameaçada na sua integridade. Daí que nos pareça ser essencial uma intencionalidade sistemática das questões da diversidade, nomeadamente a inter/multiculturalidade, as diferenças linguísticas e as questões de género. Desde muito cedo a criança deve aprender e apreciar a diferença (...) (Vasconcelos, 2011, p. 14).

O desafio da escola situada na fronteira é maior, pois deve colocar em pauta sistematicamente a questão da diversidade, para que os estudantes estejam a par da diferença, onde os professores sejam os mediadores das relações, entre outros aspectos, “(...) professores são orientados a intervir para que o aluno falante bilíngue não seja discriminado em razão de sua identidade linguística diante de conflitos com outros alunos (BERGER, 2015, p. 173). Os estudantes devem ser valorizados e respeitados

sendo a escola um lugar de múltiplas possibilidades de oportunidades para a promoção social e humana.

O olhar de uma professora fronteiriça

Como moradora e professora da região de fronteira, além do complexo debate intercultural e dos desafios do choque cultural e das línguas, percebo uma variedade de nuances que são frequentemente encontradas nesse contexto.

Nas escolas da fronteira, há uma boa estrutura, o que contribui positivamente para a qualidade da educação e o desenvolvimento do processo de ensino dos estudantes. As escolas nesta região são bem equipadas e oferecem espaços adequados para o ensino. As salas de aula são organizadas de forma a promover um ambiente propício ao aprendizado, evitando superlotação e garantindo estruturas sólidas que apoiam tanto o ensino fundamental quanto o médio. Essa infraestrutura sólida não apenas facilita o processo de aprendizagem, mas também promove a concentração dos estudantes e a eficiência das atividades educativas, criando assim condições ideais para o desenvolvimento educacional e pessoal dos estudantes na fronteira.

Mas há outros pontos. Em um mundo cada vez mais digital, a falta de acesso à internet de alta velocidade e tecnologias educacionais modernas traz certas dificuldades,

31

isso de certa forma limita o acesso aos recursos educativos online, ferramentas de pesquisa e práticas de ensino inovadoras que são essenciais para prepará-los para o mercado de trabalho atual. Essa falta de acesso às tecnologias digitais dificulta em alguns momentos o processo de ensino-aprendizagem. Os professores podem enfrentar dificuldades para ministrar suas aulas por falta de algumas mídias ou equipamentos, e os estudantes podem não receber o suporte necessário para desenvolver plenamente suas habilidades digitais e tecnológicas essenciais a nova era.

As escolas localizadas na nossa fronteira, muitas vezes, enfrentam desafios adicionais, como acessibilidade geográfica e falta de recursos financeiros por parte dos estudantes para conseguir esse acesso a escola. Para enfrentar esses desafios, são necessários investimentos significativos na melhoria de políticas públicas eficazes que priorizem a educação em áreas vulneráveis, parcerias entre o governo, setor privado e comunidades locais podem amenizar os desafios. Garantir que todas as crianças tenham acesso a um ambiente educacional seguro, saudável e equipado adequadamente é

fundamental para promover um sistema educacional mais inclusivo e equitativo.

Pensando nisto, muitos educadores consideram as condições de trabalho em áreas de fronteira menos atrativas devido a alguns pontos evocados, como recursos escassos e desafios adicionais específicos das escolas situadas nessas regiões, em comparação com áreas urbanas menos periféricas. A falta de oportunidades de desenvolvimento profissional e de progressão na carreira também podem ser um obstáculo. Professores podem preferir áreas onde há mais chances de crescimento pessoal e profissional. A alta rotatividade de professores devido à dificuldade de fixação no local pode prejudicar a continuidade e consistência do ensino. Além disso, novos professores podem precisar de tempo adicional para se adaptarem às necessidades específicas da comunidade escolar. A escassez de professores especializados em áreas como ciências, matemática e línguas podem limitar as oportunidades educacionais dos estudantes, especialmente em níveis mais avançados.

Além disso, a falta de coordenação entre os sistemas educacionais de países vizinhos apresenta uma série de desafios que afetam diretamente os estudantes, suas famílias e os próprios sistemas educacionais. Estudantes que mudam de um país para outro podem enfrentar dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. Isso pode resultar em atrasos educacionais, repetição de disciplinas e frustração tanto para os estudantes quanto para suas famílias. A falta de alinhamento nos currículos entre os países pode exigir que os estudantes se adaptem a novos conteúdos e metodologias de ensino, o

32

que pode ser desafiador e desestimulante para seu progresso educacional. Diferenças nos padrões de ensino e nas práticas pedagógicas entre os sistemas educacionais podem resultar em disparidades na qualidade da educação. Alguns podem receber uma educação mais robusta e abrangente, enquanto outros podem enfrentar lacunas significativas em seu aprendizado. A falta de coordenação pode levar a políticas educacionais contraditórias ou desalinhadas entre os países vizinhos. Isso dificulta a implementação de reformas educacionais consistentes e eficazes que beneficiem todos os estudantes na região.

Instituições educacionais e administradores enfrentam desafios adicionais na gestão de estudantes que transitam entre sistemas educacionais diferentes, incluindo questões de registro, documentação e orientação educacional. Coordenar políticas educacionais entre países pode promover o intercâmbio de melhores práticas

pedagógicas, currículos inovadores e estratégias de desenvolvimento profissional para educadores.

A harmonização dos padrões educacionais pode ajudar a reduzir disparidades na qualidade da educação e aumentar a equidade de oportunidades para todos os estudantes da região. Para enfrentar esses desafios, é essencial que os países trabalhem em conjunto para desenvolver políticas educacionais coordenadas, estabelecendo mecanismos de reconhecimento mútuo de qualificações e promover a cooperação institucional. Isso não apenas beneficiará os estudantes que transitam entre os sistemas educacionais, mas também contribuirá para o fortalecimento da educação e para o desenvolvimento sustentável da região como um todo.

No próximo tópico apresentaremos a Escola Municipal Lydio Lima que é o alvo de nossa pesquisa, trazendo alguns dados sobre o espaço de ensino e aprendizagem que se encontra a poucos metros da linha de fronteira.

33

Escola Municipal Lydio Lima

A Escola Municipal Lydio Lima está situada na rua Eloah Vieira da Silva, Nº 662 no Jardim Vitória no município de Ponta Porã-MS, ela recebe esse nome em homenagem ao Senhor Lydio Lima que foi prefeito da cidade. A escola Municipal Lydio Lima está situada a cerca de 1.500 m da linha internacional. Toda escola detém uma área no total de 1.475 metros quadrados, edificado em alvenaria.

Figura 8: Escola Municipal Lydio Lima



Fonte: Silva, V. P., 2023.

A instituição de ensino recebe recursos financeiros, vindos do Programa Dinheiro direto na Escola (PDDE) através do CNPJ nº 03.343,792/0001-09 e da APM (Associação de Pais e Mestres) que foi criada no dia 22/05/1995. A direção da escola foi eleita pela comunidade escolar em reunião de pais e Mestres cadastrada no CNPJ 01.051.213/0001-05. Além da diretora, a escola conta com dez funcionários Administrativos, e vinte e cinco professores que atendem dezesseis turmas nas modalidades Educacionais do Ensino Fundamental I, do 1º ao 5º Ano, a escola foi criada pelo Decreto Lei Nº 3185/1988.

A Escola Municipal Lydio Lima, localiza-se na Rua Eloah Vieira da Silva, Nº 662, Jardim Vitória, CEP 79906-774 na cidade de Ponta Porã Ms, telefone: 3433- 5012. A escola foi criada pelo decreto nº 3185/88, mantida pela prefeitura Municipal, recebe recursos financeiros, vindos do PDDE através do CNPJ nº 03.343,792/0001-09e da APM (Associação de Pais e Mestres) que foi criada no dia 22/05/1995 organizada e com uma diretoria eleita em reunião de pais e Mestres

34

cadastrada no CNPJ 01.051.213/0001-05. No ano de 2001 a Escola recebeu recurso do PAPE (programa de adequação e Previdência Escolar) onde foi feita a reforma e adequação do prédio. No ano de 2008 teve início a reforma e ampliação da escola, com recursos vindos da Prefeitura Municipal (PPP Lydio Lima, 2018, p. 14).

O Credenciamento e autorização de funcionamento do Ensino Fundamental, a partir da Deliberação CME/MS Nº 129, de 17 de agosto de 2017, que dispõe sobre normas para a Educação Básica do sistema Municipal de Educação. Autorização do funcionamento do Ensino Fundamental se deu a partir da Deliberação CME/MS Nº 129 e da Resolução Nº 11/SEME de 13 de janeiro de 2020, e o D.O de 03 fevereiro de 2020 que dispõe a Organização Curricular e o Regime Escolar do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino. Segundo o Projeto Político Pedagógico da Escola.

A Escola Municipal Lydio Lima, tem como filosofia refletir acerca da importância do papel da educação na vida de todos os seus estudantes, alicerçada na visão contemporânea do valoroso papel da educação na formação da plena cidadania. Busca formar sujeitos capazes de exercerem todas as suas potencialidades, generosidade, com princípios éticos sólidos e com uma visão universalista reconhecendo o caráter multicultural da sociedade, sendo seres pensantes, independentes, capazes de construir cada vez mais uma sociedade justa e igualitária.

Ao analisar o Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Lydio Lima, percebe-se que todos os estudantes têm o direito ao pleno desenvolvimento de suas potencialidades. Ele valoriza a aprendizagem ativa, contemplando os princípios humanistas e construtivistas, criando condições para que o educando seja protagonista no seu processo de construção da aprendizagem democrática, diante dos desafios da escola na fronteira isso de fato não condiz com a realidade vivenciada.

Atualmente fala-se muito em formação integral dos educandos, que é preciso oferecer um ambiente desafiador, que permita o desenvolvimento físico, emocional, intelectual e ético, onde a escola deve apoiar-se nos quatro pilares da educação: Aprender a conhecer; aprender a fazer; e aprender a ser. Aprender a viver juntos com os “outros”.

No Projeto Político Pedagógico afirma-se que: “Por meio do exemplo dos nossos educadores, a partir da análise crítica da realidade atual e da reflexão acerca da responsabilidade individual e coletiva podemos observar que a nossa educação tem como objetivo transmitir os seguintes valores” (PPP Lydio Lima, 2018, p. 11):

- -Solidariedade, em um contexto social e multicultural de fronteira na qual

35

a escola está inserida;

- -Justiça, diante das desigualdades e exclusão social com as quais o mundo padece;
- -Honestidade, perante a corrupção e degradação dos valores morais e da ética;
- -Responsabilidade para com a sustentabilidade do planeta, em oposição a uma sociedade baseada no consumismo;
- -Respeito às diferenças das pessoas em todos os aspectos: étnicos, socioeconômicos, culturais, religiosos, assim como respeito aos mais velhos, aos professores, aos pais, em contraponto à intolerância, à desconsideração, ao preconceito e à discriminação.

Ao fazer a leitura do documento, vemos que a escola tem a tarefa de formar cidadãos diante do contexto sociocultural da fronteira, buscando diminuir as injustiças sociais e formando no estudante uma responsabilidade de sustentabilidade ambiental, também criando os valores de honestidade e respeito da multiplicidade cultural.

O Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Lydio Lima considera valores humanos que deem sustentação para o indivíduo comprometido com os desafios da vivência em sociedade, levando em conta que, “as escolas são espaços carregados de diferentes formas e expressões culturais marcadas pela diversidade de pessoas que se encontram nestes locais em busca de aprendizado” (Terenciani, 2011, p. 57).

O Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Lydio Lima é fundamentado na promoção de valores humanos essenciais que visam o desenvolvimento educacional dos indivíduos, preparando-os para uma participação significativa na sociedade. Este documento reconhece e celebra a riqueza da diversidade cultural presente no ambiente escolar, entendendo que cada estudante traz consigo uma bagagem única de experiências e identidades.

No PPP não há menção aos paraguaios ou aos brasiguaios. No entanto, ao não especificar a inclusão direta a esses grupos específicos, o projeto adota uma abordagem ampla que busca integrar todos os estudantes dentro de um contexto educacional unificado, sem necessariamente segmentar ou destacar grupos étnicos ou nacionalidades específicas. É importante ressaltar que a não especificação direta desses grupos no projeto não implica em uma exclusão ou negligência de suas necessidades ou contribuições para a comunidade escolar. Pelo contrário, a escola se compromete em criar um ambiente

36

inclusivo que valorize e respeite todas as formas de expressão cultural e identitária. Dessa forma, o projeto político pedagógico busca promover um aprendizado enriquecedor e uma convivência harmoniosa entre todos os membros da comunidade escolar, incentivando o diálogo intercultural e a construção de uma consciência cidadã que reconheça e respeite as diferenças.

Na parte II da dissertação, apresentaremos a pesquisa realizada *in loco* para compreender as particularidades da escola, bem como analisar os relatos e desenhos dos sujeitos que compõem a comunidade escolar da Escola Municipal Lydio Lima.

37

PARTE II - A FRONTEIRA NO OLHAR DAS CRIANÇAS

Identidade na/da escola

Neste segunda parte da nossa dissertação, apresentaremos o perfil dos estudantes da Escola Municipal Lydio Lima, bem como outros dados qualitativos, permitindo compreender a fronteira a partir de uma janela, a vivência e a percepção que os estudantes têm da fronteira. Daí em diante, consente ampliar o conhecimento acerca das relações socioespaciais que se fazem presentes na vida desses estudantes.

Para isso, colocamos em prática a investigação qualitativa entendendo que “(...) não cabe ao pesquisador tentar apreender o movimento do real, descobrir uma verdade universal, mas entender, o mais próximo possível do real, as múltiplas relações que se estabelecem e o sentido dado a estas pelos sujeitos participantes” (da Silva; Junior, 2019, p. 1113).

O que gostaríamos de responder com os desenhos feitos pelas crianças da turma do 1º ano B da escola Municipal Lydio Lima? Quais são as percepções acerca da fronteira que esses estudantes possuem? Com as conversas com os estudantes, ou seja com os dados quantitativos levantados, desejamos responder também as seguintes perguntas: quantos estudantes desta escola moram no Paraguai, quantos moram no Brasil? E que línguas falam em seu ambiente familiar?

A estratégia a inicial foi entrevistar o secretário da escola, para ajudar nos questionamentos relacionados a multiplicidade que a escola atende. Para essa tarefa de entrevistar o secretário, nos inspiramos em Lobato (2009, p. 28).

A preparação da entrevista implicou no estudo prévio do seu tema, seleção das pessoas (a serem entrevistadas), montagem de um roteiro de questões (abertas) e verificação do ambiente e equipamento de gravação.

Na realização das entrevistas, procuramos nos adequar ao ritmo do entrevistado e sermos sensíveis aos fatores que interferiam no andamento da entrevista, para considera-los, durante a análise.

Feito o planejamento e organizado um roteiro com perguntas abertas, fomos na Escola Municipal Lydio Lima para a coleta de dados que nos auxiliassem em nossa pesquisa. Nos encontramos com o secretário da escola e pedimos a sua colaboração. Devidamente pronto ele nos atendeu. Primeiramente, foi perguntado quantos estudantes estavam matriculados na escola, quantos professores lecionavam e quantos funcionários

administrativos haviam no ano de 2023

Diante da rica diversidade cultural presente, é relevante considerar dados

recentes, como os levantados em 2020, que fornecem uma visão atualizada da relação de matrículas nas escolas de Ponta Porã.

Ao tratar da educação local, de acordo com o IBGE (2020) no ano de 2020 houve aproximadamente 26.887 alunos matriculados nas etapas básicas da educação, sendo que, 28 instituições ofereciam a educação infantil, 38 instituições ofereciam o ensino fundamental e 15 o ensino médio. As escolas de Ponta Porã, no Brasil, acolhem alunos provenientes da cidade de Pedro Juan Caballero, no Paraguai (Bueno; Santos, 2023, p. 11).

Nesse ano, aproximadamente 26.887 alunos estavam matriculados nas diversas etapas da educação básica na cidade, evidenciando a amplitude e a complexidade do ambiente educacional frente à diversidade cultural característica da região de fronteira.

Segundo informado pelo secretário da escola, o perfil da comunidade escolar da escola Municipal Lydio Lima é bem diverso; a escola conta com 200 estudantes distribuídos no turno matutino e vespertino. Ainda de acordo com o secretário da escola, a rede municipal de ensino aceita comprovante de endereço do Paraguai, porém os estudantes precisam ter todos os documentos brasileiros como registro de nascimento, Cartão SUS, CPF e RG. Muitas famílias têm medo de levar o real comprovante de endereço do país vizinho, pois ficam com receio da não aceitação do filho na escola ou, muitas das vezes, essas famílias recebem auxílios do governo como o Bolsa Família e optam por não usar o devido endereço.

Conforme dados obtidos junto ao secretário da escola, em média 150 estudantes são residentes no lado brasileiro e se declaram brasileiros. Geralmente todos os estudantes que se declararam como brasileiros residem no bairro em que a escola se localiza e nas proximidades. Cinquenta estudantes se declararam como brasiguaios⁹ e tem famílias dos dois lados da fronteira. Alguns estudantes têm documentos dos dois países. O secretário nos informou que cinquenta estudantes têm na pasta de documentos o endereço do Paraguai, mas provavelmente muitos outros também residem no Paraguai, porém não levam o endereço do paraguaio, pois utilizam o comprovante de endereço de algum parente

⁹ São considerados brasiguaios os estudantes que possuem pai ou mãe de ascendências dos dois países. Há também a terminologia em espanhol “brasiguayo”. “Quanto à terminologia brasiguaios e brasiguayos, entenda-se que são os mesmos sujeitos e estão na mesma situação de trânsito entre as duas cidades. O que muda será somente a origem do sujeito. Se autodenominará brasiguai o sujeito que nasceu em Ponta Porã e possui características mais “brasileiras” e assim acontece com o brasiguayo” (Souza, 2018, p. 19).

ou amigo que reside no lado brasileiro.

Nessa entrevista tivemos acesso a um documento chamado “Termo de registro de nascimento ocorrido no exterior e registrado em autoridade consular brasileira”. Esse documento é um direito legalizado para as famílias que são compostas por pais advindos dos dois países. Esse documento e posteriores documentos possibilitam que o estudante seja registrado no Brasil e conseqüentemente frequente a escola no município de Ponta Porã.

Se o estudante tem pais de diferentes nacionalidades e mora lá e cá, nos dois lados da fronteira, de quem fica a responsabilidade pra educar as crianças?

(...) no que tange ao sistema educacional, é estabelecida de forma que o Brasil assume a responsabilidade, em grande parte de sua fronteira com o Paraguai, pela escolarização dos alunos fronteiriços residentes dentro de determinados limites territoriais, tendo em vista que na Constituição Federal brasileira a educação se constitui um direito subjetivo e um dever do Estado. Muitos paraguaios, no entanto, estudam nas escolas situadas do lado brasileiro da fronteira. É importante destacar que se trata de paraguaios que possuem dupla cidadania, o que lhes confere o direito aos serviços sociais de uso coletivo (da Silva; Junior, 2019, p. 1114- 1115).

O “termo de registro” demonstra que se passam pela nacionalidade e a dupla nacionalidade. Devido os pais pertencerem aos dois países e a criança nascer em Pedro Juan Caballero, ela pode ter esse documento e ser registrada no Brasil.

Alguns sujeitos que estudam na Escola Municipal Lydio Lima em sua multiplicidade cultural, falam o espanhol, o guarani e o português. E porque os pais optam por matricula-los na escola do Brasil?

A escolha das escolas brasileiras por alguns paraguaios, alguns casos, ocorre por falta de opção e, em outros, por incentivo dos próprios pais, e buscando, principalmente, melhores condições sociais, tendo em vista que o Brasil ainda é considerado pelos paraguaios um país mais desenvolvido e com melhores condições de vida (da Silva; Junior, 2019, p. 1117).

De certa forma, essa mescla linguística ocasiona uma certa dificuldade na aprendizagem dos estudantes. Temos que considerar que há até uma mistura de línguas: “o fenômeno linguístico que nos chama a atenção, o sotaque e o uso corriqueiro das línguas Guarani e Espanhola, às vezes na mesma frase” (Goulart, 2017, p. 12). Como

Colocado isso, nos debatemos com algumas dificuldades. Primeiramente, como de fato descobrir onde os estudantes moram? Tínhamos em mente realizar uma entrevista com os estudantes para compreender essas problemáticas, no entanto, realizar entrevistas com crianças torna-se um desafio devido a pouca idade, então, como prosseguir metodologicamente? Escolhemos trabalhar diariamente como uma forma de acompanhamento e investigação *in loco* com a turma do 1º ano B do Ensino Fundamental I da Escola Municipal Lydio Lima para aplicarmos uma atividade lúdica que pudesse fornecer elementos que fundamentassem nossa discussão: desenhos que representassem o deslocamento do estudante ilustrando o itinerário da sua casa até a escola. Também foram realizadas entrevistas com a professora regente da turma.

Na entrevista com a professora regente, a mesma observou que os estudantes provenientes do Paraguai enfrentam significativas dificuldades de aprendizado. Ela mencionou que os estudantes do país vizinho apresentam um tempo de alfabetização mais prolongado em comparação aos seus colegas, além de serem geralmente mais reservados em relação aos demais. Esses estudantes também enfrentam desafios adicionais na consolidação dos processos de alfabetização e letramento.

Ela ainda disse que os estudantes brasileiros tendem a se destacar por sua desenvoltura e facilidade de comunicação, o que contribui não apenas para um ambiente mais descontraído e interativo, mas também para uma assimilação mais rápida dos conteúdos educacionais. Essa fluência no idioma nativo promove uma integração mais eficaz com os demais estudantes, facilitando a troca de conhecimentos e experiências.

Após a entrevista com a docente, passamos aos procedimentos envolvendo os estudantes, a faixa etária das crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental I é de seis anos de idade. Esses procedimentos se dividiram em duas etapas. Primeiramente, acompanhamos a professora regente do 1º ano B do período vespertino da escola em questão por uma semana, para criar vínculo com os estudantes da sala e consequentemente os mesmos se adaptarem com a nossa presença. Após o período de acompanhamento, já na segunda semana, realizamos uma roda de conversa com as crianças da turma do 1º ano B para auxiliá-las no desenvolvimento da atividade lúdica do desenho.

Todo o trabalho desenvolvido na escola foi autorizado pela direção escolar, como também pela professora da sala que acompanhou todos os procedimentos. Todas as

conversas foram gravadas e transcritas para que fosse possível realizar a redação do texto, junto aos desenhos desenvolvidos.

41

Cada estudante teve sua vez de falar; os mesmos deveriam responder as seguintes perguntas: Vocês moram no lado do Brasil ou do Paraguai? Vocês gostam da escola? Vocês gostam dos colegas de sala? Vocês gostam de comer o que? Onde vocês gostam de passear? Quantas pessoas moram na sua casa? Alguém na sua casa fala o espanhol ou guarani? Vocês falam espanhol? Vocês falam guarani? Vocês falam espanhol e guarani? Com os pais de vocês em casa, falam espanhol e guarani? Você já escutou alguém falando espanhol e guarani na escola? Todas essas perguntas foram respondidas e a constatação das mesmas encontra-se no apêndice e no quadro nas páginas seguintes, onde trazemos as imagens da fronteira a partir da vivência e da ótica dos estudantes da escola Municipal Lydio Lima. Todas respostas foram transcritas e constam no Apêndice deste trabalho.

Línguas faladas na sala do 1º ano B da escola Municipal Lydio Lima

O que gostaríamos de responder com os bate papos feitos com as crianças da turma do 1º ano B da escola Municipal Lydio Lima? Quantos estudantes desta escola são paraguaios? Que línguas falam?

Os bate-papos com as crianças da turma do 1º ano B da Escola Municipal Lydio Lima tiveram como objetivo principal entender melhor a diversidade cultural presente na comunidade escolar. Queríamos descobrir de que lado da fronteira as crianças vivem, se no Brasil ou no Paraguai, e como essa localização geográfica influencia suas experiências cotidianas. Além disso, perguntamos quais línguas as crianças falam em casa e na comunidade, explorando tanto o português quanto o espanhol e o guarani, dependendo da origem étnica e regional dos estudantes.

Também estávamos interessados em saber sobre os locais que as crianças gostam de visitar em suas horas livres, proporcionando *insights* sobre suas atividades recreativas e os espaços que consideram importantes em seu ambiente familiar e comunitário. Essas conversas não apenas enriqueceram nosso entendimento da diversidade cultural da turma, mas também nos ajudaram a promover um ambiente escolar inclusivo e acolhedor, valorizando as diferentes identidades culturais presentes

na escola.

A conversa ocorreu de forma descontraída com os 14 estudantes da sala. Cumprimentamos um a um e expliquei que aquela aula seria diferente, mais como uma conversa entre amigos. Pedi que cada criança se apresentasse e, então, começamos a fazer

42

algumas perguntas simples. Queríamos saber se viviam no lado Brasil ou do Paraguai, se gostavam da escola e dos colegas de classe. Descobrimos também quais eram seus pratos favoritos e onde gostavam de passear. Perguntamos quantas pessoas havia em suas casas e se alguém na família falava espanhol ou guarani. A conversa fluía de forma leve e todos pareciam animados em compartilhar suas histórias e preferências.

Foi interessante observar como as crianças se expressavam, algumas fluentes em espanhol ou guarani, falavam um português bastante “arrastado”. Alguns mencionaram que em casa falavam ambos os idiomas (espanhol e guarani), enquanto outros contaram histórias sobre ouvir essas línguas na escola. Essa troca informal não apenas ajudou a construir um ambiente de confiança, mas também destacou a diversidade cultural e linguística presente na turma. À medida que explorávamos essas questões, víamos sorrisos se formarem e olhos brilharem, revelando um pouco mais sobre cada um dos nossos pequenos grandes estudantes.

A partir da metodologia desenvolvida com a turma, montamos um quadro para melhor explicitar os resultados na tentativa de responder o questionamento acerca da língua falada pelos estudantes da turma do 1º ano B.

Línguas faladas pelos estudantes da turma do 1º ano B da escola pesquisada

Estudante:	País/morada:	Identidade:	Línguas faladas/Compreendidas:
1	Brasil	Brasiguai	Português
2	Brasil	Brasileiro	Português
3	Paraguai	Brasiguai	Espanhol/Português
4	Brasil	Brasileiro	Espanhol/Português
5	Paraguai	Paraguaia	Espanhol/Português
6	Brasil	Brasileira	Português

7	Paraguai	Brasiguaio	Português/Espanhol/Guarani
8	Paraguai	Paraguaia	Português/Espanhol/Guarani
9	Brasil	Brasileira	Português
10	Brasil	Brasileira	Português
11	Paraguai	Paraguaia	Português/Espanhol/Guarani
12	Paraguai	Paraguaia	Português/Espanhol/Guarani
13	Paraguai	Paraguaia	Português/Espanhol/Guarani

43

14	Brasil	Brasileira	Português
----	--------	------------	-----------

A pluralidade marca presença na escola fronteiriça Lydio Lima, e a coexistência como pontuado antes, das línguas nacionais do Paraguai, o espanhol e o guarani na escola brasileira. Há estudantes do primeiro ano do Ensino Fundamental I que não falam correntemente e completamente o português, como é caso dos estudantes 8 e 11. Posto isso, esses estudantes das séries iniciais têm muita dificuldade de comunicação com seus colegas e com os professores, por conta da língua falada.

O que percebemos ao analisar os dados coletados sobre as 14 crianças da turma do 1º ano B da Escola Municipal Lydio Lima? Primeiramente a distribuição geográfica: sete crianças moram no Paraguai; as outras sete crianças moram no Brasil. Depois a identificação nacional: três crianças se consideram brasiguaias (identificação mista entre Brasil e Paraguai); seis crianças se identificam como brasileiras; as outras cinco crianças se identificam como paraguaias. Quanto às línguas faladas, seis falam apenas a língua portuguesa, três crianças falam português e espanhol, cinco crianças falam português, espanhol e guarani.

A turma é dividida de forma equilibrada entre crianças que moram no Brasil e no Paraguai, refletindo uma dinâmica fronteiriça significativa na escola. A presença de crianças brasiguaias mostra uma conexão cultural e identitária entre os dois países, evidenciando a interação e intercâmbio cultural na região de fronteira.

Nas línguas faladas há a predominância do português como língua principal entre as crianças, refletindo a influência brasileira na região. O espanhol é falado por um número considerável de crianças, indicando a importância histórica e cultural da língua

na vida diária transfronteiriça. O guarani é falado por cinco crianças, mostrando a preservação da língua indígena na comunidade, e isso é condizente, pois é uma das línguas oficiais do Paraguai.

Esses dados são fundamentais para compreendermos a complexidade cultural e linguística presente na turma. Eles indicam não apenas uma diversidade geográfica marcante, mas também uma rica diversidade identitária e linguística que precisa ser valorizada e considerada na educação e na integração escolar. A partir dessas informações, é possível planejar atividades educativas que respeitem e promovam a diversidade cultural e linguística, contribuindo para um ambiente escolar inclusivo e enriquecedor para todas as crianças da turma do 1º ano B da Escola Municipal Lydio Lima.

44

Após coletarmos a apresentação desses dados, avançaremos para promover a análise das imagens elaboradas pelos estudantes, focando nos seus trajetos diários ao sair de casa e chegar até a escola. Isso nos permitirá entender melhor como eles percebem e representam o espaço fronteiriço que atravessam diariamente.

Imagens da fronteira

Para concretizar, de fato, a confecção dos desenhos a alternativa foi o “uso de técnicas visuais individuais ou em grupo” (Rodrigues et al., 2014, p. 284). O desenho, como outras formas de arte é uma maneira de escutarmos as crianças.

Tendo em vista a importância de escutarmos a criança na pesquisa, consideramos a arte, expressão privilegiada da subjetividade, seja por meio do desenho, seja de histórias, seja de dramatização, dentre outros formatos, um meio eficaz de acesso à criança e seu universo. Desta forma, devemos nos valer da arte como recurso precioso de pesquisa junto às crianças, nas suas mais variadas expressões, pois é no processo expressivo e simbólico que a criança dá sentido e significado às suas vivências e experiências, revelando para nós muito mais do que muitas vezes podemos e conseguimos acessar com instrumentos de pesquisa mais objetivos (Goldberg; Frota, 2017, p. 176).

Conforme a citação, a arte seria, em muitos momentos, uma ferramenta metodológica muito mais eficaz quando efetivamos pesquisas mais objetivas, uma vez

que as crianças conseguem significar suas experiências e vivências, pois “a representação do espaço geográfico por meio do desenho é única e particular de cada aluno e está vinculada à sua experiência individual naquele espaço em que está inserido” (Melo; Melo, 2022, p. 5). Sendo o desenho uma ferramenta para compreensão do universo das crianças, “Que questões deverão ser respondidas pelos desenhos?” (Goldberg, Frota, 2017, 176).

A ferramenta metodológica dos desenhos feitos pelos estudantes na experiência individual com o espaço geográfico revelou-se fundamental para compreender não apenas as rotas físicas percorridas diariamente, mas também as percepções e experiências emocionais ligadas a esses trajetos. Percebe-se que os desenhos não apenas mapeiam caminhos e pontos de referência, mas também capturam sentimentos de familiaridade, segurança ou aventura associados a cada etapa do percurso. Essa abordagem metodológica permite aos pesquisadores e educadores uma visão mais profunda das interações das crianças com o ambiente urbano, sensível às vivências cotidianas das

45

crianças. E mais ainda...

Além de compreender como a criança se expressa por meio do desenho é importante atentar para uma variedade de resultados que podem ser obtidos por meio da expressão gráfica. Os desenhos se configuram como fontes importantes de pesquisa, revelando os olhares infantis, escrevendo suas realidades, possibilitando, dentre outras contribuições, tomadas de decisão política na prevenção e na garantia dos direitos das crianças (Goldberg, Frota, 2017, 177).

Os desenhos infantis são cruciais não apenas para entender a expressão das crianças, mas também como fontes ricas de pesquisa que capturam suas realidades e podem influenciar decisões políticas em prol dos direitos infantis.

Iremos expor as atividades desenvolvidas pelos estudantes da turma do 1º ano B da comunidade escolar, captando principalmente aquilo que nos leva a perceber as relações das dinâmicas espaciais através da proposição do desenvolvimento dos desenhos que representam o trajeto diário dos estudantes de sua residência até a escola Municipal Lydio Lima, demonstrando, dessa forma, quais as suas percepções acerca dessa fronteira, tendo consciência que:

Todos, sem sombra de dúvidas, possuem a capacidade de expressar

emoções através dos desenhos e trazer reflexão e análise àqueles que podem observá-lo e absorvê-lo, visto que é intencional a emoção que o desenho denota e aquela que ele tem a capacidade de gerar no receptor (Silva, Vieira, 2022, p. 185).

A capacidade de criar imagens partindo das vivências e das emoções pode nos revelar respostas que, muitas vezes, não estão registradas em arquivos ou documentos da escola. No decorrer da nossa atividade lúdica, todos os estudantes da sala produziram um desenho representando o trajeto da sua residência até a escola Lydio Lima.

Representar o espaço que vivemos é uma forma de simular como nos movemos no mundo. Com base nas representações dos desenhos desenvolvidos pelos estudantes foi possível perceber os aspectos espaciais e através das conversas individuais as suas percepções socioespaciais. O nosso procedimento metodológico leva em consideração que “(...) as pesquisas com crianças devem considerar o processo de produção de desenhos e ser acompanhadas por diálogos, e sua análise deve ser feita a partir do que foi dito pelas crianças e os significados atribuídos por elas mesmas” (Sousa; Pires, 2020, p. 72-73). Ainda sobre o processo metodológico,

46

É preciso dar atenção consciente às crianças, dialogar e ouvir o que elas têm a contar, como percebem o mundo e como se vêem nesse mundo. Assim, “ouvir a voz das crianças” designa uma postura dialógica perante elas, atenta às suas diversificadas formas de expressão (Goldberg, Frota, 2017, 176).

Ao dedicarmos atenção genuína e ouvirmos atentamente as crianças, abrindo espaço para o diálogo, podemos verdadeiramente compreender como elas percebem e interagem com o mundo ao seu redor. Este processo revela não apenas suas visões individuais, mas também como elas se posicionam e se movem dentro do contexto escolar e comunitário.

Após uma semana de observação e familiarização com o ambiente escolar, o terceiro dia da semana seguinte marcou o momento chave para a aplicação da atividade lúdica com a turma do 1º B. As carteiras foram rearranjadas formando um círculo, proporcionando um ambiente colaborativo e inclusivo. Cada criança recebeu materiais básicos como papel sulfite A4, lápis de escrever, lápis de cor, borrachas e apontadores. A proposta era simples e envolvente: desenhar o trajeto diário de casa até a escola.

Surpreendentemente, a beleza dessa experiência reside na simplicidade da

comunicação não verbal, não precisei utilizar muitas palavras. Iniciei cumprimentando as crianças e dizendo que era um imenso prazer estar com eles ali e que faríamos uma atividade divertida de desenhos. “Hoje vocês farão o desenho do trajeto da casa até a escola, captando imagens que veem pelo caminho”. Os estudantes imediatamente se engajaram na atividade, cada um começando a representar seu trajeto através de desenhos vibrantes e cheios de detalhes pessoais. Esse exercício não apenas incentivou a expressão criativa das crianças, mas também proporcionou insights valiosos sobre suas percepções individuais e coletivas do espaço que habitam e frequentam diariamente. Terminado o tempo dado, praticamente uma tarde toda, recolhi os desenhos, disse que os desenhos estavam ótimos. Me despedi deles dizendo que no dia seguinte voltaria para mais um bate papo e houve euforia, palmas e gritaria.

No dia seguinte, retornamos à escola para dar continuidade à pesquisa. Nesse momento, a intenção era descobrir junto aos estudantes, qual era o significado do seu desenho. Cada criança foi chamada de forma individual à frente da sala de aula para explicar o significado do seu desenho para todos os colegas da sala; todas as conversas foram gravadas. Todo o material produzido foi muito importante e interessante para o desenvolvimento da pesquisa.

47

Na atividade participaram os 14 estudantes da sala de aula, sendo elaborados 14 desenhos. Na sequência, todos os desenhos serão apresentados.

As produções dos desenhos lúdicos são entendidas como uma forma de representar o espaço geográfico percebido e vivido diariamente pelas crianças residentes na fronteira que “ora estão de um lado da fronteira ora do outro lado” e que estudam na Escola Municipal Lydio Lima. Por uma questão de ética não colocaremos os nomes dos estudantes nos desenhos. Os mesmos serão nomeados de estudante número 01, estudante número 02, estudante número 03 e, assim, sucessivamente.

O estudante número 01 representou em seu desenho a época da pandemia como visto na Figura 9. Percebe-se que o momento do fechamento da fronteira foi muito marcante em sua vida.

Figura 9: Desenho elaborado pelo estudante 1

Autor: Estudante 1
Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

Nesse primeiro desenho vemos a ilustração da linha de fronteira dos dois países vizinhos, com suas respectivas bandeiras. O estudante quis representar o período da

48

pandemia mundial da *Covid 19 (coronavírus)*. O Paraguai com seu sistema de saúde reformulado em 2010¹⁰, implantou medidas radicais em sua fronteira, em especial na cidade de Pedro Juan Caballero. As medidas foram a quarentena e o fechamento de sua fronteira com uma barreira militar com a fixação de cercas, “o isolamento foi instalado e fortalecido nos níveis nacional e internacional” (Ruiz-Diaz, et al., 2020, p. 61378). Desta forma, houve a acentuação da separação entre os países. A imagem mostra dois sujeitos em suas respectivas nações, usando as cores nas roupas das concernentes bandeiras. A cerca, para além da conjuntura da pandemia, alimenta a noção da falta de integração espacial no momento da pandemia.

Em diálogo com o estudante, durante a apresentação dos desenhos, pudemos entender que o sujeito representado no desenho, o qual está do outro lado da cerca, no

lado paraguaio, é seu pai e a figura do lado brasileiro é o próprio estudante. O estudante, então, mora no Brasil, mas parte de sua família reside no Paraguai. O desenho, desta forma, evoca a configuração mental do espaço e como as famílias que têm raízes nos dois lados da fronteira faziam para se visitar durante a pandemia, o estudante relata que sentia muita saudade dos familiares nesse período. A partir do momento em que a cerca passou a ser uma barreira física na fronteira, as relações cotidianas dos fronteiriços mudaram.

No caso da Figura 09, o estudante quis demonstrar que o itinerário que faz para chegar a escola é onde se encontram as duas bandeiras, e quando passa por ali, lembra delas e os países que a representam. Lembra das barreiras colocadas e o distanciamento com o pai. Este estudante está mais enraizado no Brasil, portanto, pertencente ao contexto multicultural da fronteira.

Além disso, a cerca retratada na ilustração não só separa fisicamente os dois sujeitos, mas também sugere uma barreira simbólica que transcende a conjuntura da pandemia. A distância física entre os sujeitos simboliza não apenas a separação geográfica, mas também as divisões ideológicas e culturais que podem existir entre as nações. Portanto, a imagem não apenas retrata o impacto imediato da pandemia da COVID-19 na vida das pessoas e nas relações internacionais, mas também levanta questões mais profundas sobre as divisões e desigualdades socioespaciais que podem persistir além da crise atual.

¹⁰ “A reformulação do sistema de saúde paraguaio, iniciada no final de 2010, está fundamentada em mudanças no acesso ao sistema, com incorporação da atenção primária como porta de entrada, assim como em políticas públicas voltadas à abordagem de doenças crônicas não transmissíveis e manutenção de doenças transmissíveis (19)” (de Melo et al., [s.d.], não paginado).

Já em outro desenho, na figura 10, temos o desenho elaborado pelo estudante número 2. O desenho representa o *Monumento das Cuias* que fica na rodovia BR-463, e está situada na entrada de Ponta Porã. Esse monumento simboliza a importância cultural da erva-mate (*Ilex paraguariensis*) com a cuia de tereré (mate gelado), do Paraguai e a cuia de chimarrão (mate-quente), bebida tradicional dos gaúchos. Esse monumento quer representar a fusão de culturas. Apenas a bandeira do Brasil se faz tremulando na imagem capturada.

Esse desenho representa o espaço fronteiriço brasileiro e pode sugerir que aquele estudante tem vínculos espaciais e familiares com o país vizinho. Com o

desenho, o estudante quis deixar registrado que existe uma fronteira seca, assim como escreveu em sua representação.

Figura 10: Desenho elaborado pelo estudante 2

Autor: Estudante 2

Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

50

Na figura, o estudante deixou em letras bem visíveis se tratar de uma “fronteira seca” entre Pedro Juan Caballero (PY) e Ponta Porã (BR). Nas cidades gêmeas somente uma avenida divide os dois países, e o canteiro central, é denominado justamente ‘terra de ninguém’” (Albuquerque, 2005, p. 50). Em espaços fronteiriços que não há corpos d’águas (acidentes geográficos), os países são divididos por uma linha imaginária. Uma criança talvez não possua compreensão do que seria uma fronteira seca e, provavelmente, tivesse escutado de algum adulto, reforçando em seu desenho que se trata de um lugar sem obstáculos para transposição ou trânsitos.

O monumento, simbolizando a importância cultural da erva-mate com as cuias de tereré e chimarrão, representa uma tentativa de fusionar culturas, destacando a rica diversidade cultural presente na região fronteiriça. A presença apenas da bandeira do Brasil tremulando na imagem capturada sugere uma reflexão sobre a dinâmica das fronteiras e das identidades nacionais. Enquanto o monumento celebra a fusão de culturas representadas pelas cuias, a ausência da bandeira do Paraguai pode indicar uma predominância da identidade brasileira nesse contexto específico. No entanto, isso não nega a importância das influências culturais paraguaias na região, como evidenciado pelo próprio monumento. Além disso, a menção do estudante sobre a fronteira seca reforça a conscientização sobre as barreiras físicas e administrativas que dividem os dois países. Isso pode sugerir que o estudante tem uma conexão pessoal ou familiar com o país vizinho, destacando a complexidade das relações transfronteiriças. Portanto, o desenho não apenas ilustra um marco cultural significativo na região fronteiriça, mas também levanta questões sobre identidade e interculturalidade.

Em diálogo com a criança, pudemos entender que a avó fala guarani, mas a mãe e o pai não. Desta forma, esse estudante tem raízes no Paraguai, mas não sabe falar nenhuma das duas línguas nacionais do país vizinho (espanhol e guarani).

O estudante número 3, demonstrou no desenho (**Figura 11**) uma complexidade maior, porque sua representação é feita de pedaços. O azul do céu toma conta de um plano amplo no desenho. O estudante retratou sua ida para escola, saindo de sua residência que possui uns coqueiros e uma porteira, situada em uma chácara, pois ele mora no bairro Jardim Aurora, em Pedro Juan Caballero-PY. Depois, ele passa pelo Monumento das Cuias e no lugar onde estão as bandeiras, até chegar ao seu destino final que é a escola Municipal Lydio Lima.

Figura 11: Desenho elaborado pelo estudante 3

Autor: Estudante 3
Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

Como o estudante é morador do Paraguai, ele e todos os seus familiares falam espanhol, português e o guarani. Um fato importante desse estudante foi ele dizer que gosta muito da escola, mas não consegue falar guarani ou espanhol com os colegas de sala, só consegue falar em português quando está no ambiente escolar.

O estudante perpassa por um itinerário bastante longo para chegar até a escola, o que lhe oportuniza contemplar inúmeros espaços. O deslocamento inicial é feito na área rural, atinge os bairros mais afastados de Pedro Juan Caballero e depois chega na divisa dos dois países e, por fim, até adentrar ao Brasil para chegar na escola.

O desenho apresenta uma narrativa complexa e multifacetada, refletindo as experiências e vivências do estudante durante seu trajeto para a escola. A representação fragmentada da cena sugere uma variedade de espaços e transições ao longo do caminho. O fato do estudante morar no Paraguai, mas frequentar uma escola no Brasil adiciona uma camada de complexidade à sua experiência socioespacial. Sua jornada começa em

sua residência numa paisagem rural. Essa parte inicial do percurso destaca sua conexão com a comunidade e o ambiente local. À medida que avança em direção à escola, o estudante atravessa o Monumento das Cuias, marcando a fronteira entre os dois países. Essa transição representa não apenas uma mudança geográfica, mas também uma transição cultural e linguística, conforme ele passa de seu ambiente familiar no Paraguai para o espaço escolar no Brasil.

O fato do estudante não conseguir se comunicar em guarani ou espanhol com seus colegas de sala, mas apenas em português, destaca os desafios culturais que podem surgir em contextos de fronteira. Isso também ressalta a importância da escola como um espaço de inclusão e aprendizado para ele, onde ele pode se expressar na língua predominante do ambiente escolar. Portanto, o desenho oferece uma visão rica e multifacetada das experiências do estudante em seu ambiente socioespacial, destacando as interações complexas entre fronteiras geográficas, culturais e linguísticas em sua jornada para a escola.

No desenho do estudante número 4, **Figura 12**, é representada a roda gigante de um parque que está situado na linha internacional. É um lugar conhecido por sempre haver as estruturas de circos ou parques na fronteira, e uma movimentação grande de pessoas, com comércio de ambulantes. Ali, quando há essas atrações, as pessoas dos dois países circulam exatamente na linha demarcatória da fronteira.

Figura 12: Desenho elaborado pela estudante 4

Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

A estudante mora no centro em Ponta Porã. Todos os dias para ir para escola, passa no espaço onde fica montado o circo. Foi escrito Parque dos Ervais, no entanto, essa localidade não é o parque citado, a estudante correlacionou os dois espaços.

Aqui, um fato chama atenção. A estudante disse que quando brincava na roda gigante podia ver a cidade inteira que era muito grande. Pudemos ter clara consciência de que a estudante não tinha noção que havia outra cidade, para ela, aquela grandeza toda era parte de uma só condição. Não havia uma fronteira ou a compreensão de outro país e cidade.

A movimentação significativa de pessoas e o comércio ambulante durante esses eventos evidenciam a natureza e a dinâmica multicultural do local. As pessoas dos dois países circulam livremente ao redor da linha demarcatória da fronteira, transcendendo barreiras geográficas e criando um espaço de convivência e interação entre as comunidades fronteiriças. Esse fato demonstra um ponto de integração na rotina diária da comunidade local, destacando a importância desses espaços de lazer na vida das pessoas, independentemente das fronteiras políticas.

O comentário da estudante sobre como ela via a cidade inteira do alto da roda gigante, sem perceber a divisão entre os dois países, revela uma perspectiva inocente e reveladora sobre as fronteiras. Para ela, a grandeza da cidade era uma só condição, sem distinção entre os territórios nacionais. Isso destaca a fluidez e a permeabilidade das fronteiras percebidas pelas crianças, contrastando com as divisões políticas e administrativas dos adultos. Portanto, o desenho proporciona uma visão envolvente das dinâmicas socioespaciais na região fronteiriça, ressaltando a interação entre as comunidades, a importância dos espaços de lazer e a percepção das fronteiras pela perspectiva infantil.

Na **Figura 13**, do estudante número 5, a noção de fronteira não se faz presente de maneira direta. O mesmo informou que fala apenas o português e não sabe as outras línguas. Foi representado o Shopping China que é um importante centro comercial da fronteira. O estudante mora do lado do Paraguai e todos os dias passa pelo centro comercial de Pedro Juan Caballero. Em diálogo com o estudante, ele afirmou que não vem muito para o Brasil, só mesmo quando vai para a escola. Uma percepção bastante singela, pois não percebe que todos os dias ele vem ao Brasil. Isso demonstra que o país,

sentimentos.

Figura 13: Desenho elaborado pelo estudante 5

Autor: Estudante 5

Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

O caminho percorrido é costurado por um cenário bastante movimentado. Saindo do Paraguai o estudante passa pelo maior shopping de Pedro Juan Caballero, lugar onde o trânsito de pessoas e carros é intenso. De forma bastante tímida, o monumento das cuias aparece no fim de sua jornada.

O estudante disse que passeia mais pelo lado do Paraguai e gosta de ir na casa de sua avó que fica antes do monumento das cuias, ainda no Paraguai. Diferente do desenho do estudante número 3, **Figura 11**, na qual perpassa por um deslocamento do rural, o plano da cidade com infinitas relações sociais, para o estudante 5, é a paisagem urbana que é sentida, com carros motos, comércio e a rua. Ele desejou representar um monte de lojas e gente comprando mercadorias. O desenho destaca o papel central do Shopping como um importante centro comercial.

Isso sugere uma conexão emocional mais forte com o Paraguai, onde estão suas raízes familiares, enfatizando a paisagem urbana com a vida agitada do centro comercial

e a diversidade de atividades comerciais e sociais que ocorrem ali. Desta maneira, o desenho oferece uma perspectiva única sobre as experiências e percepções em relação à

55

fronteira, destacando a conexão emocional com o Paraguai, a interação cotidiana com o ambiente urbano e a importância do centro comercial como um espaço central na vida da comunidade fronteiriça.

A estudante número 6 em diálogo conosco, nos relatou que mora no Brasil e sempre passa em frente do Shopping China. Para ela, esse shopping fica no Brasil como visto na **Figura 14**. Ela desenha a bandeira do Brasil dos dois lados.

Figura 14: Desenho elaborado pela estudante 6

Autor: Estudante 6

Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

A estudante faz esse trajeto para ir para escola, e por alguma razão, lembra desse espaço específico. A criança relatou que os pais são separados, e que ambos moram no

56

Brasil. A mãe mora perto da escola e o pai no Bairro da Granja um bairro que fica nas proximidades do shopping China.

Muitas vezes, esses estudantes que são crianças, ainda não têm a noção das questões de países e fronteiras. O espaço visto é tão natural que a mesma pensa que o estabelecimento fica no Brasil. A partir da relação afetiva com a fronteira, a criança talvez ainda não tenha clara percepção da divisão territorial entre países.

A localização do Shopping, mesmo estando geograficamente no Paraguai, é percebida como parte do Brasil. Isso revela como as fronteiras políticas, muitas vezes, são difusas para as crianças, especialmente quando estão inseridas em contextos de mobilidade cotidiana. A familiaridade da estudante com esse espaço específico é evidente, pois ela o associa diretamente à sua rota diária para a escola, destacando a conexão entre os espaços vivenciados

A falta de clara percepção das fronteiras nacionais é comum em crianças. O espaço onde está localizado o Shopping é parte do ambiente familiar e escolar, independentemente de divisões políticas. Essa percepção ressalta como as identidades e conexões espaciais das crianças são moldadas não apenas por fronteiras políticas, mas também por relações sociais, afetivas e as vivências cotidianas.

Na **Figura 15** tem-se o desenho da estudante número 7 que mora no Paraguai e estuda na escola Lydio Lima.

Figura 15: Desenho elaborado pela estudante 7

Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

Todos na casa dessa estudante falam o português, guarani e o espanhol. A mesma nos relatou que gosta da escola, no entanto, no cotidiano escolar ela não fala nas línguas espanhol e guarani, pois segundo ela tem medo das pessoas não entenderem o que ela está falando, uma vez que “O que está em jogo é a diferença do outro e sua identidade, que exige que se abduque daquilo que se é, para assumir a identidade do eu como modelo a ser imitado” (Gusmão, 2000, p. 12). A estudante tem raízes nos dois lados da fronteira.

O trajeto para quem vem do Paraguai para chegar até a escola passa pelo Monumento das Cuias, onde fica um trevo que dá acesso à escola. As bandeiras dos dois países se fazem presentes no desenho. Essa estudante mora em um bairro no Paraguai que fica muito distante da escola.

A representação sugere uma rotina de deslocamento significativa, atravessando a fronteira entre os dois países diariamente para frequentar a escola. Essa mobilidade transfronteiriça pode ser influenciada por vários fatores, como oportunidades educacionais, proximidade geográfica da escola ou até mesmo laços familiares. Essa situação destaca as interações complexas entre espaço, fronteiras políticas e práticas sociais, e não representa uma barreira tão rígida, mas sim um aspecto natural da vida cotidiana. Essa realidade ilustra como as fronteiras políticas podem ser permeáveis em

contextos onde as comunidades locais compartilham laços culturais, econômicos e relações afetivas e sociais.

Na **Figura 16** o estudante retratou a representação do trevo que fica em frente ao Shopping China. O estudante número 08 mora no Paraguai e na casa dele todos falam o guarani e o espanhol. Esse estudante tem dificuldade de falar o português, segundo a professora da turma, o mesmo teve bastante dificuldade para aprender a ler e a escrever, levando um tempo maior que as outras crianças da classe, como já mencionado em outro momento do texto o processo de escrita e alfabetização depende da sonoridade das palavras para que o processo de alfabetização ocorra, as crianças precisam aprender e ter conscientizar dos sons das palavras, ou seja, compreender que as palavras são compostas de sons (fonemas). Por esse motivo, a consciência fonológica é fundamental na alfabetização, e nas escolas de fronteira as crianças enfrentam essa dificuldade por conta da multiplicidade cultural, levando um tempo maior para ser alfabetizada, pois não pode ser alfabetizada em sua língua materna.

58

Figura 16: Desenho elaborado pelo estudante 8

Autor: Estudante 8

Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

As duas bandeiras dos dois países se fazem presentes na imagem pois, o trevo que está em frente ao Shopping China é o caminho que o estudante passa todos os dias para chegar à escola. É um local onde aparecem os dois lados da fronteira; o mesmo relatou que gosta de morar no Paraguai, porque todos os parentes moram, segundo ele, quase todos eles moram na mesma rua. Ele ainda disse que faz compras no Paraguai e vai ao parquinho com sua família; o parquinho que ele gosta de brincar fica na cidade de Ponta Porã no Brasil.

A presença das bandeiras dos dois países na imagem destaca a dualidade desse espaço, onde as fronteiras políticas se tornam tangíveis. A linha internacional, representada pelo estudante, simboliza a divisão territorial que faz parte de sua rotina

cotidiana. Essa situação destaca como as fronteiras políticas podem ser permeáveis e

como as identidades são moldadas por uma variedade de fatores, incluindo laços familiares, rotinas diárias e oportunidades econômicas. A representação exemplifica como as fronteiras nacionais podem ser significativas, mas também fluidas, especialmente em contextos de fronteira onde as comunidades compartilham histórias de vidas, culturas e vivências cotidianas.

A estudante número 9 que elaborou o desenho da **Figura 17** reside no bairro perto da escola Lydio Lima. Ela não tem nenhuma relação com o Paraguai. Ela não representa em seu desenho a existência da fronteira que fica ali nas proximidades do seu bairro. Essa estudante relatou que nem conhece muito a cidade, pois mudou recentemente para Ponta Porã.

Figura 17: Desenho elaborado pelo estudante 9

Autor: Estudante 9

Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

Essa estudante não tem raízes na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. Seus pais mudaram recentemente para Ponta Porã, eles não têm parentes nem em Ponta Porã e nem em Pedro Juan Caballero, vieram para cursar medicina no Paraguai. Todos os integrantes da família falam apenas o português. A estudante disse que às vezes vai para o país vizinho acompanhar os pais na faculdade.

A representação na Figura 17 indica uma dinâmica socioespacial distinta. Não há qualquer relação com o Paraguai, e nem há menção à fronteira que está próxima do seu bairro, sugerindo uma falta de consciência ou conexão com esse aspecto geográfico. Apesar da proximidade com a fronteira, não há uma vivência direta das dinâmicas transfronteiriças. Essa situação destaca como as experiências socioespaciais podem variar significativamente dentro de uma mesma área geográfica. Enquanto alguns residentes da região têm suas vidas profundamente influenciadas pela fronteira e suas conexões transfronteiriças, outros, como a estudante número 9, a mesma tem pouca vivência e interação com o país vizinho. Isso ressalta a complexidade das identidades e experiências em contextos de fronteira, onde múltiplas realidades coexistem dentro de uma mesma paisagem geográfica.

A estudante número 10, que elaborou o desenho da **Figura 18**, relatou que mora no Brasil, bem perto da escola. Na família dela o padrasto fala a língua guarani. A mãe é brasileira e fala apenas o português.

Figura 18: Desenho elaborado pela estudante 10

Autor: Estudante 10

Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

O desenho representa a escola e o espaço geográfico do entorno da escola, pois a estudante mora nas proximidades da escola. A estudante não tem tanta percepção de deslocamento para o país vizinho.

Analisando o desenho, podemos observar uma dinâmica espacial distinta. A proximidade física com a escola sugere que há uma rotina localizada, com pouca necessidade de deslocamento para além do seu bairro. É interessante notar que em outros desenhos dos estudantes residentes no Paraguai ou nas proximidades da linha internacional há uma forte percepção de deslocamento para o país vizinho e da fronteira. Quando analisamos o desenho da estudante número 10 percebemos que, apesar da proximidade com a fronteira, sua vida cotidiana não é significativamente influenciada pelas dinâmicas transfronteiriças.

A experiência está mais centrada no ambiente imediato, o bairro e a escola que frequenta. Mais uma vez, essa situação demonstra como as experiências socioespaciais podem variar dentro de uma mesma região. Enquanto alguns residentes podem estar profundamente envolvidos nas relações transfronteiriças, outros, como a estudante número 10, podem ter uma vida mais localizada e menos influenciada pela fronteira. Isso ressalta a complexidade das identidades e vivências em contextos de fronteira, onde múltiplas realidades coexistem em uma mesma área geográfica. A estudante número 11 é uma criança paraguaia. Então, a mesma utilizou muito as cores vermelha e azul que são as cores da bandeira do Paraguai (**Figura 19**).

62

Figura 19: Desenho elaborado pelo estudante 11

Autor: Estudante 11

Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

A estudante vai de bicicleta para a escola. Ela gostaria de ter um carro, porque vem de um lugar muito longe. A professora da turma relatou que a mesma é uma criança que passa por muitas dificuldades sociais. Ela fala as três línguas. Em casa fala mais o espanhol e na escola fala somente o português.

A expressão de desejo por ter um carro revela uma aspiração para melhorar sua mobilidade e, possivelmente, aliviar as dificuldades de deslocamento que enfrenta atualmente. Isso sugere que ela pode residir em uma área distante da escola, onde o acesso aos serviços de transporte pode ser limitado.

Essas dificuldades podem estar relacionadas a uma série de fatores, como condições econômicas precárias, falta de acesso a recursos básicos ou instabilidade familiar, e podem influenciar significativamente a vida cotidiana da criança. Essa situação destaca como as experiências socioespaciais das crianças podem ser moldadas por uma variedade de fatores, incluindo identidade cultural, acesso a recursos e condições socioeconômicas. A imagem ilustra os desafios e complexidades enfrentados por muitas crianças em contextos sociais desfavorecidos, e destaca a importância de abordagens sensíveis e inclusivas na educação e no planejamento urbano. O estudante número 12 reside no lado do Paraguai. A **Figura 20** mostra o trajeto do estudante, que passa nas

proximidades do Planet (centro comercial paraguaio) para chegar até a escola. Ele desenha a fronteira de uma forma muito especial e bonita, com pássaros, o céu azul e nuvens.

Figura 20: Desenho elaborado pelo estudante 12

Autor: Estudante 12

Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

O desenho ainda tem prédios e árvores. Uma paisagem bastante ampla mostrando as bandeiras dos dois países. Em diálogo com o estudante, o mesmo disse que fala o espanhol, o guarani e o português. Ele gosta muito da escola, no entanto, não fala nenhuma das línguas do Paraguai dentro da escola por não se sentir à vontade. O mesmo prefere se manifestar em português, já que há uma “insegurança linguística” como colocado por Da Rocha (2020, p. 317), que afeta as relações no ambiente escolar e outros espaços. Esse estudante diz que gosta de estar dos dois lados da fronteira demonstrando um sentimento de pertencimento para ambos os lados da fronteira.

Essa representação única e poética nos oportuniza observar uma perspectiva socioespacial rica e complexa, mostrando uma paisagem expansiva. A expressão de gostar dos dois países demonstra um forte sentimento de pertencimento para ambos os lados da fronteira, indicando uma identidade transfronteiriça complexa e multifacetada. Essa representação ressalta a interconexão entre as comunidades ao longo da fronteira e a fluidez das identidades em contextos transfronteiriços. O desenho não apenas reflete a experiência pessoal, mas também ilustra a riqueza e diversidade das relações sociais, culturais e espaciais que caracterizam a região de fronteira.

No desenho da **Figura 21**, realizado pelo estudante 13, há a representação da

casa do Papai Noel que na época de fim de ano é montada no Paço Municipal da prefeitura de Ponta Porã.

Figura 21: Desenho elaborado pelo estudante 13

Autor: Estudante 13

Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

O estudante mora em Pedro Juan Caballero. No período das festividades de Natal, as famílias fronteiriças vão visitar essa praça onde estão as decorações do Natal, a qual está do lado brasileiro da fronteira. Este desenho explicita uma condição de integração como aponta Souza (2018, p. 21) “Já no aspecto cultural a integração de fato ocorre, nos caminhos e descaminhos diários, na hora da roda de tereré, na religiosidade, nos eventos familiares ou profissionais, nos feriados compartilhados, dentre outro”.

Ao refletir mais profundamente sobre o desenho, podemos observar uma representação que vai além da simples ilustração de um evento sazonal. A casa do Papai Noel é uma atração que transcende fronteiras durante as festividades de Natal. Essa representação evidencia uma condição de integração que vai além das fronteiras políticas. A integração cultural ocorre nos aspectos cotidianos da vida, como nos momentos de lazer, na religiosidade, nos eventos familiares e nos feriados compartilhados. O desenho desse estudante reflete essa integração cultural ao ilustrar um evento festivo que reúne pessoas de ambos os lados da fronteira, demonstrando como as fronteiras políticas podem ser permeáveis quando se trata de experiências culturais compartilhadas. Assim sendo, a representação ressalta a importância das

relações sociais e culturais na formação da identidade das comunidades fronteiriças, destacando como as tradições e práticas

65

culturais podem servir como pontes que conectam diferentes grupos em uma região de fronteira. A estudante número 14 representou na **Figura 22** a casa dela que fica perto da escola, demonstrando o que existe nas proximidades.

Figura 22: Desenho elaborado pela estudante 14

Autor: Estudante 14

Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

A estudante disse que sempre vai ao Paraguai com os pais para fazer compras, mas que não tem familiares no país vizinho. Na casa dela todos só falam o português. Ao examinar a representação da estudante podemos observar uma visão detalhada de sua vida cotidiana próxima à escola. Ela desenha sua casa e o ambiente ao redor, incluindo árvores, ruas, plantas, nuvens e o céu. É interessante notar que, apesar da proximidade com o Paraguai, a estudante não menciona familiares no país vizinho, não tendo ligações mais afetivas, mas apenas esporádicas visitas para fazer compras. Isso sugere que sua interação com o Paraguai está principalmente relacionada a atividades comerciais, e não necessariamente a laços familiares ou culturais. Essa representação ressalta como a vida está enraizada em seu ambiente imediato, com sua casa e sua rotina diária próximas à escola. A sua experiência foca principalmente em sua comunidade local e nas atividades familiares. Podemos destacar a complexidade das identidades e experiências socioespaciais das regiões fronteiriças, mostrando como as fronteiras políticas nem sempre definem completamente as interações e conexões cotidianas das

pessoas que nelas habitam.

A análise socioespacial e geográfica dos desenhos produzidos pelos estudantes da turma do 1º ano B da Escola Municipal Lydio Lima oferece uma oportunidade de

66

compreender as múltiplas dimensões do ambiente fronteiriço em que vivem. Por meio desses desenhos, podemos explorar a interação entre o espaço físico, as identidades culturais e as relações sociais que caracterizam essa região.

O suporte metodológico utilizado, o desenho, revela-se uma ferramenta poderosa para capturar as percepções e experiências dos estudantes em relação ao seu entorno. As representações visuais oferecem insights sobre como os estudantes enxergam e interpretam o espaço que habitam, evidenciando uma consciência aguçada da fronteira que atravessa suas vidas.

Uma análise mais aprofundada dos desenhos revela uma variedade de temas e símbolos culturais que permeiam o cotidiano dos estudantes na fronteira. Desde pontos de referência locais, como escolas e praças, até elementos simbólicos, como a presença do Papai Noel durante o Natal, os desenhos refletem a diversidade cultural e a integração social que caracterizam essa região transfronteiriça.

Em resumo, os desenhos dos estudantes da Escola Municipal Lydio Lima oferecem uma visão totalizante e multifacetada do cotidiano na fronteira, destacando não apenas as características físicas do espaço, mas também as dinâmicas sociais e culturais que moldam as identidades e relações nesse contexto. Ao reconhecer e valorizar essa diversidade, podemos promover uma compreensão mais profunda e inclusiva das dinâmicas socioespaciais na fronteira, construindo pontes entre as comunidades e fortalecendo os laços entre os diferentes grupos que compartilham esse ambiente fronteiriço.

A obtenção dos dados qualitativos é importante para perceber os processos de reconhecimento de uma fronteira, isso é significativo para perceber os estudantes, e suas dificuldades frente ao contexto de processos linguísticos e culturais. Os testemunhos captados através dos desenhos, são relevantes para a compreensão desse espaço geográfico.

A afirmação sobre a importância dos desenhos como fontes de pesquisa é válida e bem fundamentada. No entanto, seria útil expandir sobre os métodos de análise e interpretação dos desenhos, além de destacar a necessidade de abordagens

interdisciplinares para uma compreensão mais completa das percepções infantis. Além disso, enquanto os desenhos podem ser poderosos para sensibilizar decisões políticas, é importante reconhecer os limites dessa abordagem e a necessidade de integrá-la a outras formas de pesquisa para garantir a eficácia das políticas voltadas para as crianças que estudam na fronteira.

67

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho mergulhou nas percepções geográficas da fronteira entre Ponta Porã, Brasil, e Pedro Juan Caballero, Paraguai, a partir das experiências e escuta de crianças que vivenciam este espaço fronteiriço.

O estudo teve como objetivo central explorar as percepções geográficas da fronteira através da perspectiva única e autêntica das crianças que habitam essa região. Utilizando uma abordagem qualitativa que privilegia a escuta e o olhar sensível das crianças diante da realidade socioespacial, este trabalho foi desenvolvido através de pesquisas bibliográficas, levantamento de dados, rodas de conversas com as crianças e uma atividade lúdica, na qual os estudantes da Escola Municipal Lydio Lima foram

convidados a expressar suas visões sobre a fronteira através de desenhos. Os desenhos produzidos pelas crianças emergiram como poderosos artefatos que revelam as complexidades das identidades, pertencimentos e vivências na fronteira.

Na introdução do nosso trabalho, visando explicitar a motivação da pesquisa, procuramos aproximar o leitor da experiência e das vivências da família da pesquisadora,